

REVISTA EDITAR
XIII EDIÇÃO

mo PER nismo

100 ANOS

Uma prospecção para o futuro





Editorial

Com o ingresso de mais um semestre letivo, a Revista Editar tem o prazer de apresentar sua 13ª edição. Idealizada pelo Prof. Dr. Rogerio Barbosa, docente do curso de Letras, CEFET-MG, com ênfase em Tecnologias de Edição, é um projeto da disciplina Processos de Edição II, que visa uma inserção dos alunos no meio editorial. A 13ª edição se trata da primeira realizada com alunos de forma presencial, após o período de Ensino Remoto Emergencial do CEFET-MG.

Nesta edição, a premissa parte de uma importante comemoração que aconteceu em 2022: o centenário da Semana de Arte Moderna que ocorreu em São Paulo. A Semana de 22 se consolidou como um marco nas artes brasileiras e representou uma ruptura com a tradição, consolidando o modernismo no Brasil. A partir dessa data simbólica, a Revista buscará refletir sobre as possibilidades e perspectivas culturais a partir do tema, **Uma prospecção para o futuro: o que esperar dos próximos 100 anos na cultura e nas artes?**

Utilizamos uma abordagem especulativa sobre os possíveis cenários que a arte e a cultura podem apresentar nos próximos 100 anos. Entendemos que são elementos vivos e passíveis de diversas mudanças, principalmente quando inseridas em contextos sociais. Sendo assim, os textos e fotografias expostos no dossiê especulam o que podemos esperar para o próximo centenário da Semana de Arte Moderna. Os demais textos, fora do dossiê, buscam correlacionar o contemporâneo e o futurista, completando assim, o tema proposto na 13ª Edição da Revista Editar.

Nós, membros do corpo Editorial da Revista Editar nº13, desejamos uma boa leitura, e esperamos que o tema da nossa edição transpasse as páginas da Revista e se dissipe às novas perspectivas das ideias de arte e cultura para o futuro.

4º PERÍODO, 2022.1



FICHA TÉCNICA

Editar - Revista dos alunos do curso de Letras - Tecnologia da Edição CEFET-MG

Número 13 - Belo Horizonte - MG

© dos autores

Edição online

Ano 2022

Contato: Departamento de Linguagem e Tecnologia do Curso de Letras

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Av. Amazonas, 5253, sala 338, Nova Suíça, CEP 30-421-169 - Belo Horizonte - MG

E-mail: revistaeditar@gmail.com

Editor Responsável: Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva



PRODUÇÃO EDITORIAL

Arilma Ferreira, Bruna Fortunata, Cássia Rodrigues, Débora Nayara,
Diego Lopes, Júlia Demétrio, Maristela Alves, Matheus Mendes,
Rafael Amorim, Uéferon Osmar.

PRODUÇÃO GRÁFICA

Beatriz Guimarães, Deborah Borges, José Francisco Nunes, Joyce
Domingues, Tainá Verona, Laura Lima

REVISORES

Arilma Ferreira, Bruna Fortunata, Cássia Rodrigues, Débora Nayara,
Diego Lopes, Júlia Demétrio, Maristela Alves, Matheus Mendes,
Rafael Amorim, Uéferon Osmar.

DIAGRAMAÇÃO

Beatriz Guimarães, Deborah Borges, José Francisco Nunes, Joyce
Domingues, Tainá Verona, Laura Lima.



DOSSIÊ

Um pouco sobre a
Semana de Arte
Moderna de 1922

MARIA APARECIDA DOS SANTOS,
PÁG. 08

Colagem

GRACIELE BATISTA GONZAGA,
PÁG. 11

Revisitações (ou
flashes a partir do
modernismo)

ROGÉRIO BARBOSA, PÁG. 12

Libert'Arte

DEBORAH BORGES, PÁG. 14

Eu, tu, nós, Brasil

BEATRIZ GUIMARÃES DIAS
JOSÉ FRANCISCO NUNES E
JOYCE DOMINGUES MOREIRA,
PÁG. 15

Cultura indígena

MARISTELA ALVES, PÁG. 16

A interação entre arte
e tecnologia

BRUNA ARAÚJO DINIZ, PÁG. 20

Duchamp estaria no
TikTok?

ANDRÉ FILIPE XAVIER, PÁG. 21

Vinicius e os saberes
do samba

RONIERE MENEZES, PÁG. 24

Esqueceram da Dolly

SUZI DE ANDRADE LEITE, PÁG. 35

Distopia de um futuro
não tão distante (...)

SUZI DE ANDRADE LEITE, PÁG. 36

Gênero na Arte

MARIA APARECIDA DOS SANTOS E
MATHEUS MENDES FERREIRA,
PÁG. 42

Fragmentos de Belo
Horizonte

MARINA SOARES, PÁG. 49



SEÇÃO LIURE

Amor de várias formas

UÉRFERSON OSMAR SANTOS,
PÁG. 51

Escondida na coxia

MARIA APARECIDA DOS SANTOS,
PÁG. 52

Então você quer ser
escritor? (Tradução)

BRUNA FORTUNATA, PÁG. 54

Cachorros e queijos
frescos

JOSÉ FRANCISCO NUNES, PÁG. 56

Desejo

ADAM HERMÓGENES DE SOUSA,
PÁG. 57

Aprender

UÉRFERSON OSMAR SANTOS, PÁG. 58

Infância Roubada

HANNA HAIANE SILVA VITOR E
MARIA APARECIDA DOS SANTOS
PÁG. 59

Um pouco sobre a Semana de Arte Moderna de 1922

Maria Aparecida dos Santos

O evento da Semana de Arte Moderna de 1922 significou a ruptura de um modelo, a renovação artística de vários segmentos da cultura. Esse movimento oficializou o Modernismo no Brasil. Além disso, o ano de 1922 foi bastante significativo para toda sociedade brasileira, tendo em vista tratar-se do centenário da Independência do Brasil. Essa representatividade foi o gatilho inicial para que um grupo de artistas se reunisse em torno de um projeto artístico renovador. Desta feita, diversos artistas, em vários segmentos das artes, apresentaram suas obras com propostas inovadoras, que tinham como mote a consciência nacionalista, e traziam também um viés da vanguarda européia. Nesse sentido, houve uma manifestação artístico-cultural que contou com apresentações de dança, música, recital de poesias, exposições de arte em tela e palestras. O evento foi realizado no Teatro Municipal de São Paulo, entre os dias 11 a 18 de fevereiro de 1922, com o que havia de mais atual no universo das artes.



Fonte: Flickr.com - Anúncio de um dos festivais da Semana de Arte Moderna de 1922

Principais nomes presentes na Semana de Arte Moderna de 1922

Escritores: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Plínio Salgado, Álvaro Moreyra, Elycio de Carvalho, Luiz Aranha, Ribeiro Couto, Tácito de Almeida, Agenor Barbosa, Afonso Schmidt, Sérgio Milliet.

Pintores: Emiliano Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Zaina Aita, Ferrignac, Yan de Almeida Prado, John Graz, Vicente do Rego Monteiro, Antonio Paim Vieira.

Escultores: Victor Brecheret, Hildegardo Leão Velloso, Haarberg.

Arquitetos: Georg Przyrembel, Antonio Moya.

Músicos: Heitor Villa-Lobos, Lucília Guimarães Villa-Lobos, Guiomar Novaes, Ernani Braga Paulina de Ambrósio, Alfredo Gomes, Frutuoso Vianna entre outros.

No entanto, passaram-se 100 anos desse movimento que representou um divisor de águas e transformou de maneira significativa o jeito de fazer Arte. E dessa forma, introduziu-se uma nova roupagem à cultura brasileira. E como forma de lembrar essa data tão relevante para todos nós, decidiu-se que a 13ª edição da Revista Editar do curso de Letras do CEFET-MG de 2022 terá como temática principal uma indagação em relação ao futuro da cultura e das artes:

“Uma prospecção para o futuro: o que esperar dos próximos 100 anos na cultura e nas artes?”

Responder tal indagação não é tarefa fácil. Pelo que podemos perceber, o futuro será pautado por uma infinidade de produções artísticas veiculadas em plataformas virtuais ou físicas como: teatro e cinema de rua, shows, viradas culturais, slam (batalha de poesia) entre outras coisas, sobretudo, que traduzam transparência, afinidade, diversidade e que produzam conexões abertas, democráticas e duradouras, perfeitamente adaptadas ao uso das tecnologias. Quem viver verá!

Nesse sentido, refletir sobre esse futuro exige de nós muita ousadia, muita perspicácia, tendo em vista as movimentações que ocorrem mundo afora, como: guerras, regimes ditatoriais, fome, doenças, disputas territoriais e muitas outras coisas. Além disso, vivemos em plena era tecnológica que altera sobremaneira a relação do homem com o meio e com seus pares.

Apesar de tais movimentações, algumas realidades já estão postas, um arcabouço de possibilidades, de diversidades artísticas, de encher os olhos, como o trabalho desenvolvido pelo Cura (Circuito Urbano de Artes), realizado em Belo Horizonte. O projeto se encarrega de realizar trabalhos de grafites nas fachadas dos prédios da capital mineira, com temáticas sociais inclusivas, em que, notadamente, grupos minoritários como: (mulheres, crianças, negros e indígenas) estampam o acervo artístico. Para além da representatividade voltada para os Direitos Humanos, essa arte inovadora colore, traz sentido e dá vida ao cinza dos grandes centros urbanos e, também coloca em evidência outras questões atreladas ao capitalismo. Trata-se de uma arte democrática, em que todos os cidadãos têm acesso, diferentemente da arte exposta em galerias de renome com acesso elitizado.

Dessa maneira, basta um olhar mais apurado para os principais corredores da metrópole, ou um fim de tarde no mirante da Sapucaí no bairro Floresta, para contemplar, para se alimentar dessa arte, praticamente um “self service” da arte. Porque faz bem aos olhos, aquece o coração e tranquiliza a alma. São coisas assim que nos fazem mais humanos, principalmente num cenário de obscurantismo como o que vivemos no Brasil de hoje. Não esqueçamos que a arte é libertadora!

“Eu tenho natureza, arte e poesia, e se
isso não for suficiente, o que é suficiente?”

Van Gogh

Colagem por: Graciele Batista Gonzaga

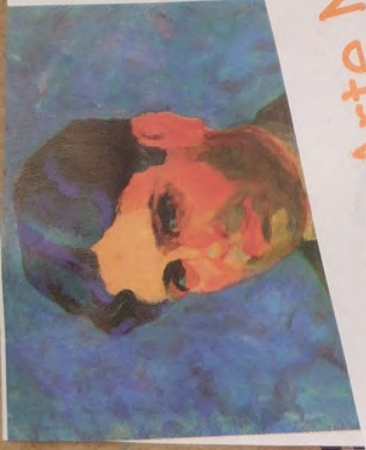


Reprodução/Tarsila do Amaral Empreendimentos

Capa da primeira edição de *Pau-Brasil*, ilustrada por Tarsila do Amaral.

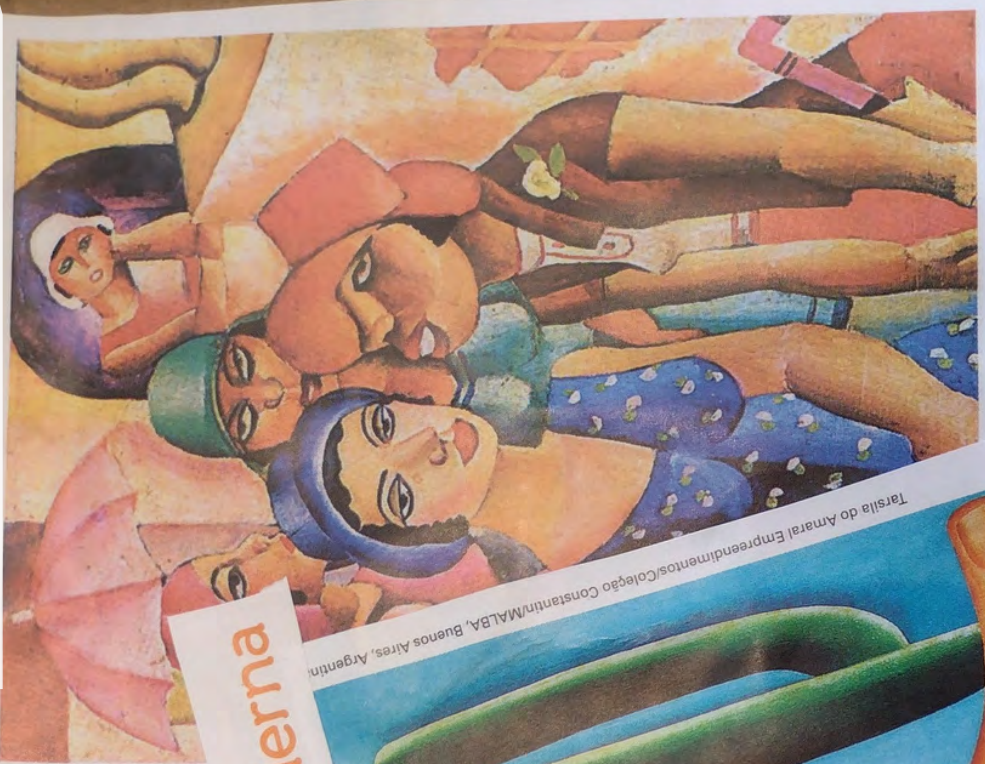
Verde-Amarelismo

A semana de Arte Moderna



particular/Tarsila Empreendimentos

dução/Elizabeth di Cavalcanti



Tarsila do Amaral Empreendimentos/Colégio Constantino/MALBA, Buenos Aires, Argentina

uetá, de Di Cavalcanti, 1930.

Abaporu, de Tarsila do Amaral, 1928, obra que inspirou o movimento antropológico e criou o título da obra.

O Brasil de 1922 a 1930: tupi or not tupi



REQUISITAÇÕES

(ou flashes a partir do modernismo)

Rogério Barbosa da Silva

I

Salta-me de uma página
a energia rítmica de um
Cyclone
a miss
devorou no jantar
a caralhada
de bad boys
da revolução
ela
a rainha do covil
a frisson nouveau

a antropófaga

II

Num país primitivo
e quase sem tradição
o poeta comia amendoim

Era a volta no ponteiro
dos desastres fatais
amassados na saliva
quente e melada;
seiva acalentada
em ritmos dissonantes
de braços venturosos

O poeta intuía
sob o céu
dos desconcertos
um país outro

.

Neste agora,
sob os mesmos trópicos
vivemos cada um
o próprio exílio
diverso e excludente
singular e coletivo
massivo e seletivo
ao gosto e às ordens
do freguês
porque há muitas formas
de despaisar-se
ou ser posto
fora

Negro, homem
e mulher
mulato, gay
ou branco pobre
jovem sem futuro
velho pé na cova
criança abandonada
curvados todos
à desumana pátria
para poucos
a do lucro acima de todos
do contrassenso e mais valia
“um litro de gasolina
por cem grammas de feijão”
reza a letra do samba
e tem o moralismo vertido
em roupa diária

a civilidade não mora aqui
O Brasil só tem canibal
disse um outro cético
sonho, mas é estranho
haverá mesmo um país
sob os escombros
desse sol diário?

III

“Quem disse que não vivo satisfeito?
Eu danço”, falou Mário de Andrade.

E eu queria mesmo
é desfazer no mar
da ubiquidade
o meu amor
sem elevador
sem telefone
telepresença
telegrama ou email

só o sentimento tátil
quente e vibrátil
que faz dançar
num mesmo ritmo
sem distância
sem mesmo um laivo
que seja de bronca

IV

Novas balas de estalo

A vida é louca
e muitos anseiam por um meteoro
tudo pode acabar num instante
história de polícia e ladrão
e tiros na calçada
ou alcançados pela fúria
veloz do conversível
numa bela manhã
da próxima esquina

as cidades todos os dias
são tiro porrada e bomba

nos jornais não há mais poesia
nem se o destino funesto
embrulha em suas folhas
a jovem bela
em seu vestido azul

.

praticantes de MMA
topam

cozinheiro um jovem
 estudante
 negro?
(podia, todo excluído está à margem)
 eo

amigo gay

palavrões socos e pontapés

ainda hoje o sangue corre pela calçada

a rua poderia ser em Roma, Paris, Nova York
São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte
não importa.

as ruas são zonas de caça.

V

Lírica, ah o lirismo

Subi no Pico do Amor
com Drummond
Lá o amor não está
Mas há sol à beça aqui

Chupa chupa chupão
Os peitinhos de dona Sarah
Oswald freudiano

Amar uma mulher casada, Mário?
Logo Maria, uma santa moderna
que maxixa e fala inglês...

Ou será Luzia?
Luz na janela
à la bandeira
Mas também ela
tem os peitos chatos

Penso em Antonieta
que não cuidou de mim
eu prefiro Jandira
em cujos seios o mundo
começava para Murilo

No amor orbital
de Cassiano
olhos azuis
como satélites
orbitam
o amor

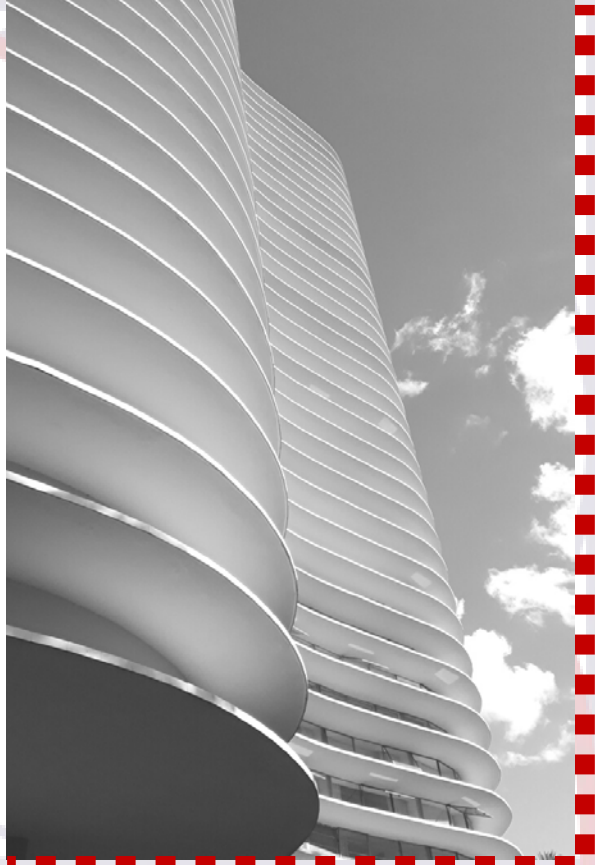
Amor
Porra, poesia
Humor

Ave, alvíssaras
Ávila
bica bica
Gavião

Viola
vibra o vibrão.

Libert'Arte

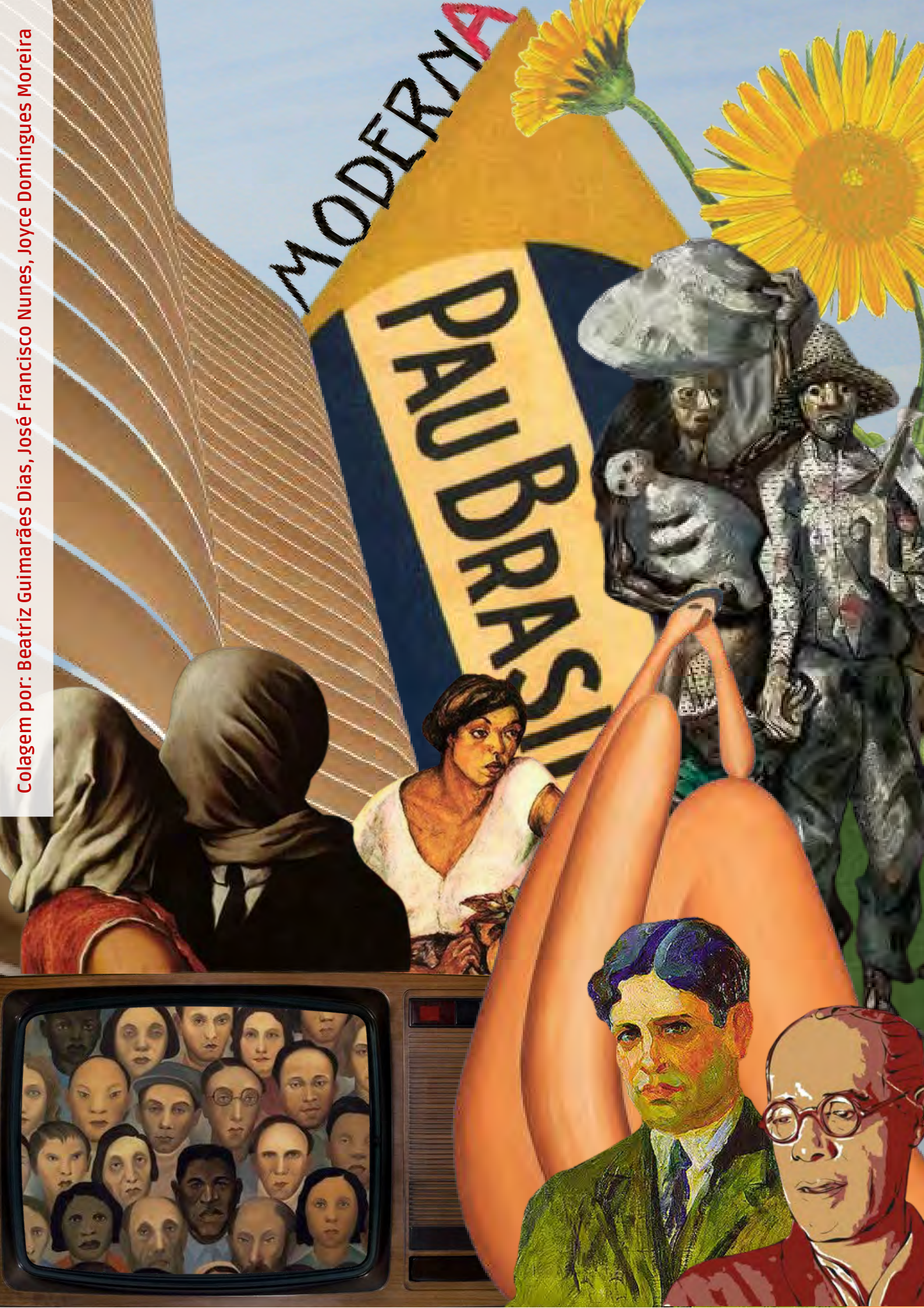
Deborah Borges



Fotografia: José Francisco Nunes

“Abaixo os puristas”
era lido em 22
o que é arte?
Pergunto 100 anos depois
é insistir em ser parte
e, sem tirte nem guarte
levantar o estandarte
de fazer sem seguir regra
de sentir e transmutar
arte é a pedra no meio do caminho
livre como Drummond provou
ninguém, nem daqui nem de outra nação
quer saber de arte que não é libertação
liberta arte
libert'arte.

Colagem por: Beatriz Guimarães Dias, José Francisco Nunes, Joyce Domingues Moreira



CULTURA indígena

Maristela Alves



Abordar a trajetória dos povos indígenas implica levantar questões polêmicas, como a segregação racial e as violências por eles sofridas, reafirmadas desde os tempos de colonização, ou seja, é falar sobre a invisibilidade e sobre a violação dos direitos humanos - um dos problemas mais sérios que eles vivenciam. Nesse sentido, atualmente, pressupõe-se que seja de conhecimento geral da sociedade o fato de que essas comunidades são marcadas pelos incontáveis episódios de massacres e imposições de modos de condutas, praticadas pelo homem branco. Dentro desse contexto, é relevante a série de entrevistas Artes 22, que analisa os conflitos culturais, entre os povos originários e os colonizadores do Brasil.

Realizada sob direção de Cristiano Reckziegel e a roteirista Maíra Fernandes de Melo, a série apresentou um ciclo de entrevistas exibidas em vinte episódios distintos em fevereiro deste ano de 2022. Preparado pela equipe do Canal Futura, em comemoração aos cem anos daquele que foi considerado o marco do Movimento Modernista no Brasil, a Semana de Arte Moderna, ocorrida em fevereiro de 1922. Coube a Sandra Benites, curadora do MASP (Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand), o papel de entrevistadora da série, que junto a outros artistas retrata esse momento histórico.

Sandra é indígena, descendente do povo Guarani Nhandewa, antropóloga, atuante como pesquisadora, ativista e educadora indígena. Belamente conduzido pela curadora, as entrevistas Artes 22, abordaram temas relacionados à cultura geral do Brasil, com foco na cultura dos povos indígenas.

Cultura Indígena

As conversas foram atravessadas por tons de críticas e provocações, soando como denúncias e clamor por uma releitura da cultura brasileira. O pensamento dos entrevistados é o de uma cultura mais abrangente, capaz de alcançar as culturas de povos que, durante séculos, foram pouco ou erroneamente representados, chegando a quase invisibilidade no cenário cultural brasileiro. Pode-se dizer que:

“Qualquer lugar que a gente pise no Brasil é terra indígena.”
(Denilson Baniwa)

O ponto de partida dessa série de entrevistas foi um convite do artista visual, Denilson Baniwa a um “olhar descolonizado” para a arte ocidental. Um olhar com atribuição de valor e desassociado de qualquer conceito. Sua fala é a que mais diretamente e com maior propriedade trata das questões da invisibilidade e do preconceito sofrido pelos povos indígenas no cenário cultural. Dotado de um falar profundamente sereno, e, igualmente direto, o artista apresenta sua percepção sobre a parcela de representatividade atribuída à cultura indígena na Semana de Arte Moderna de 22. Para o artista, o modo pelo qual se estabeleceram as formas de poder e dominação no Brasil motivou o olhar inferiorizado para as classes que vivem à margem da elite burguesa, assim como a maneira de atribuir valor à toda cultura ocidental.

Indígena do povo Baniwa, nascido na Aldeia Darí no interior do estado do Amazonas e atuante desde 2015 como ativista pelas causas indígenas, Denilson, assim como os outros entrevistados, faz parte da nova geração de artistas que veem a arte como um canal para dar visibilidade e encorajar as ‘minorias’ a uma aproximação social.

Apoderando-se do seu lugar de fala, se define como um artista com novas ideias e acredita que, junto de outros artistas indígenas, traz outras possibilidades de apropriação da arte fora do conceito de mercadoria. Entre seus anseios de arte para o futuro – compartilhado pela maioria dos entrevistados – está a promoção de uma arte mais inclusiva e menos comercial, trabalhando como a melhor alternativa para deixar de alimentar o mecanismo de poder social dominante, que opera de maneira excludente, achando-se capaz de ditar o que é arte. Acrescenta em sua entrevista que:

“A arte é um fazer diário, um fazer de conexão entre as pessoas e outros mundos”.
(Denilson Baniwa)

Sem a pretensão de desmerecer o valor daquele ato modernista, e tão pouco a sua importância para a estruturação do cenário cultural e artístico que sucedeu ao Movimento Modernista, os pensamentos expostos nas entrevistas despertam o olhar da sociedade para uma multiplicidade cultural existente, e que foi negligenciada. Baniwa considera que a Semana de Arte Moderna de 22 não representou o Brasil em toda a sua diversidade cultural, e sim, de maneira muito rasa e controversa, representou uma identidade de um grupo específico de pessoas que, naquele momento da história, dividiam seus espaços com tantos outros povos e raças, culturas e saberes singulares que foram ocultados. O “olhar descolonizado” para a arte sugerido por Baniwa, incita-nos a um olhar para o cenário cultural brasileiro desassociado de uma unidade. A consciência de tamanha diversidade dentro de um mesmo território precisa gerar nos indivíduos a aceitação da diferença e das muitas possíveis representações de identidades genuinamente brasileiras.

Pensando no lugar desses diversos povos originários em nossa cultura, Suely Rolnik – psicanalista e professora da PUC-SP, salienta que, apesar da pauta sobre a influência dos indígenas estar sempre presente nas reflexões sobre o modernismo brasileiro, e além de reconhecer as diversas diferenças culturais que temos, precisamos nos deixar fecundar por elas. Assim como os artistas modernistas, em suas pesquisas pela busca de raízes originárias que garantisse a renovação artística de uma cultura nacional.

Suely e Sandra, a entrevistadora se dedicam também ao estudo do antropofagismo antigo costume dos povos indígenas e o reconhecem como um dos principais e mais importantes traços da cultura indígena no período colonial. Suely faz um paralelo daquele ritual entendido pelos modernistas e de sua leitura para os nossos dias: um ato “deglutir o outro e conviver com o efeito da presença viva desse outro em si e transformar-se.”

Seguindo o viés da transformação, estão os pensamentos dos entrevistados: Beatriz Jaguaribe, professora da Escola de comunicação da UFRJ, para quem o futuro das artes também se dá através da releitura do passado e da ressignificação que damos a ele para o presente; Lauro Cavalcanti, curador da Casa Roberto Marinho, para quem o constante trabalho de ressignificação das obras do acervo pelas mãos de artistas do nosso tempo, vem reafirmando o desejo de integração dos grupos às nossas múltiplas culturas para mantermos inseridos no moderno, ao contemporâneo; e Denílson Lopes, professor da Escola

Cultura Indígena

de Comunicação da UFRJ, que entende o Modernismo como um movimento vivo, que se renova através do olhar crítico de cada geração e se transforma.

Assim como acontece com outros movimentos, o Modernismo não se deu apenas na Semana de Arte de 22. Esta semana foi apenas um marco do movimento que na verdade teve suas ideias articuladas e desenvolvidas entre os anos de 1920 e 1930. As narrativas literárias indígenas foram reconhecidas no cenário modernista para o entendimento dos saberes desses povos, entretanto, não foi difundida de maneira que pudesse vir a ser conhecida em âmbito geral. A influência dessa literatura na cultura, é defendida pelo professor José Ribamar Bessa Freire, que aborda a questão da importância do reconhecimento e da circulação da literatura indígena que, ao longo dos séculos foi mantida fora do circuito literário nacional. “Viva entre suas comunidades pelo trabalho dos literatos engajados na causa da preservação da cultura indianista”, Ribamar apela para que essa literatura seja de ampla divulgação a fim de evitar seu apagamento.

Contudo mencionado anteriormente, a sequência de entrevistas Artes 22 é muito rica e trata de maneira recorrente os temas que emergem o cotidiano como as questões do racismo, do preconceito cultural, e da invisibilidade das minorias sociais, assim como enfatiza a artista visual Pamela Castro em sua fala sobre representatividade negra fazendo uma conexão paralela com os povos indígenas. A história nos mostra que, ao longo dos séculos as diferenças culturais, assim como as raciais, têm sido os marcadores mais fortes para o crescente distanciamento social entre as classes. Por isso é extremamente necessário que sejam cada vez mais difundidas essas ideias de respeito às diferenças e a aceitação das múltiplas culturas formadoras do povo brasileiro, para que assim possamos criar uma consciência de igualdade, ainda que na diferença.

O cerne das questões tratadas nesses debates é o uso da arte como poder. Uma mudança de perspectiva no pensamento de uma identidade nacional que abrace nossas múltiplas culturas e através da qual seja possível alcançar um nível de construção social verdadeiramente original, que contemple as diferenças. Esta é a proposta dos artistas e intelectuais que participaram das conversas, no que diz respeito a um novo “olhar descolonizado” para a arte e culturas brasileiras. Uma melhor compreensão dos pensamentos desses e dos demais participantes de Artes 22 é possível obter assistindo na íntegra aos vídeos.



Fotografia: Luiza Dias

A INTERAÇÃO ENTRE ARTE E TECNOLOGIA

Bruna Araújo Diniz

No decorrer da história, a arte passou por diversas transformações, tanto em relação ao seu conceito, quanto em relação às suas formas de produção, sendo um reflexo em consequência das mudanças sociais e avanços tecnológicos. Nesse sentido, tais progressos permitem que os artistas façam o uso de novas ferramentas para as produções artísticas, como por exemplo, a robótica, que mundialmente possibilita aos artistas e profissionais da tecnologia a programação de robôs capazes de produzir suas próprias obras.

Um exemplo disso é a RobotArt, uma competição de arte feita por robôs com mais de 100 trabalhos artísticos realizados por 19 equipes de robótica por todo o mundo. Por esse motivo o CEFET-MG (Centro Federal de Estudos Tecnológicos de Minas Gerais), possui a Trincabotz, uma equipe de robótica que participa de competições com o objetivo de apresentar o desenvolvimento da tecnologia produzida pelos alunos da instituição. No momento não atuam diretamente com campo artístico, mas quem sabe no futuro?

A tecnologia influencia diretamente a arte, que também gera influência sobre a tecnologia, visto que a interação entre esses dois pólos se apresentam como uma possível tendência para o futuro, estando presente no mundo contemporâneo e ganhando forças para os próximos anos.

DUCHAMP ESTARIA NO TIKTOK?

André Filipe Xavier

“ Em 1917, em Nova Iorque, um sujeito adentra o Salão da Sociedade Nova-Iorquina de Artistas Independentes. Perpassando as galerias de arte, ele para diante das obras e as contempla com 'ar de especialista'. Cruza os braços e coloca a mão direita no queixo, olhando fixamente as obras. Observa um pouco, quando se dá por vencido, passa a avaliar outra obra em sequência... Mais adiante se defronta com um urinol de porcelana branco. Para. Estranha. Olha para os dois lados, procurando uma resposta. Ali não é o banheiro. Chega mais perto, cerra os olhos e consegue ler no canto inferior os escritos: R. Mutt 1917. Aquilo é uma obra de arte. Feita por um artista, assinada por ele. Aquela experiência o causa desconforto e estranhamento e, logo, cresce um sentimento de asco e nojo. A galope, ele deixa o prédio xingando R. Mutt, mesmo não sabendo quem é. ”

Essa narração exemplifica bem em qual contexto a obra “A fonte” de Marcel Duchamp estava, no início do século XX. Momento de contestação, o artista confronta os modelos artísticos tradicionais e coloca a arte como experimentação. Ele é causador de uma grande ruptura nas artes em geral. Em um movimento de atribuir significado a um objeto frívolo, Duchamp produz uma arte que não se assenta na concretude, mas, sobretudo, na ideia. Ele desloca a real função do objeto e o transforma em obra de arte. O artista batizou esse movimento de “ready-

made". Duchamp revolucionou a concepção da arte, quando a colocou como uma ideia e não apenas um produto; ali se fez uma revolução na concepção de arte, provocando uma ruptura com as escolas acadêmicas tradicionais. Segundo Giulio Carlo Argan: "[...] porque na sociedade burguesa o objeto é mercadoria, a mercadoria é riqueza, a riqueza é autoridade e poder". Diferentemente do Cubismo, Duchamp não reafirmava a arte como produtora de objetos de valor, mas sim fazia questão de dissociar a arte do objeto, conferindo-lhe ironia e sátira.

O impacto do "penico" foi tão grande e substancial que a obra "A fonte" é considerada precursora na arte contemporânea, influenciando diversos artistas e movimentos artísticos a posteriori. É seguro dizer que senão fosse por ele e sua obra, artistas que pregam bananas na parede, hoje, não seriam considerados artistas. Ao deslocar o valor de arte do objeto, ele acabou por gerar diversos questionamentos no meio artístico e é por isso que hoje, por exemplo, a arte de

rua se reveste de credibilidade. É interessante notar que, Will Gompertz comenta sobre as inspirações que a arte de rua tem em relação às pinturas rupestres, que, ironicamente, são as mesmas inspirações de Picasso e Pollock - artistas modernos consagrados.

Além disso, Duchamp coloca em xeque o conceito de arte no que diz respeito à autoria. O valor artístico está atrelado à arte ou a quem a produz? Se uma pessoa aleatória pregar na parede uma banana e postular que aquilo é arte, será que ela terá adesão da comunidade artística? Será que a obra de arte será valorizada como tal? Até mesmo em sua precificação? A resposta é clara: não, pois é o artista que, de certo modo, confere legitimidade à obra. Portanto, é a partir da revolução na concepção de arte provocada por Duchamp, anos atrás, que podemos, hoje, conceber como arte a banana pregada na parede.

Nesse ínterim, A Semana de Arte Moderna de 22 buscou inspiração nas ideias e nos movimentos de vanguardas da Europa, conseqüentemente, foi instigada pela ruptura provocada por Duchamp. Dessa forma, tida por muitos como marco inicial do movimento modernista no Brasil, A Semana de Arte Moderna buscou romper com a tradição e apresentar novos olhares e perspectivas sobre as artes. Cem anos após a realização do grande evento, surge o questionamento: qual é o futuro da arte? Responder a essa pergunta não é uma tarefa fácil, mas é impossível a resposta não está relacionada à internet e ao fenômeno das redes sociais.



Fonte: Reprodução da Internet

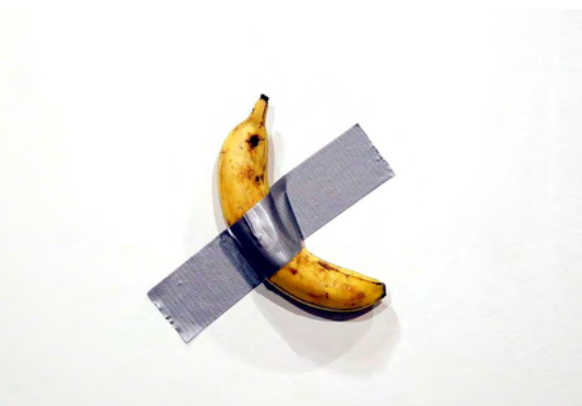
Duchamp estaria no TikTok?

Hoje, em um mundo cada vez mais conectado, as redes sociais desempenham papel primordial na cultura e no modo como enxergamos as artes. Nesse cenário, o aplicativo TikTok se destaca. Desenvolvido na China, o aplicativo bateu mais de 1 bilhão de usuários ativos por mês no ano de 2021. Um fenômeno! Isso corresponde a cerca de 14% da população mundial. Giselle Beiguelman fala sobre a atual influência oriental no Ocidente: “O emergente protagonismo da China na cena atual da Internet é um dos aspectos mais que interessantes desse futuro, haja vista que esse aplicativo, o TikTok, é o primeiro a furar a muralha de bits do Vale do Silício”.

Para além das questões geopolíticas, existe uma questão comportamental e simbólica. As pessoas conectadas estão inseridas em um ambiente que proporciona uma certa zumbificação, em que os usuários de forma extremamente passiva recebem conteúdos disponibilizados pelo algoritmo - mecanismo de Inteligência Artificial que mapeia o comportamento do usuário, oferecendo-lhe conteúdos atrelados a seus interesses e preferências. Essa dinâmica de interação tem por objetivo massificar; entregar aos usuários experiências sensoriais imediatas e automáticas. Privilegia-se a experiência ao conteúdo. O usuário não atua racionalmente sobre o aplicativo, os conteúdos que aparecem são ordenados pela IA.

É preocupante como as redes sociais vêm uniformizando o olhar das pessoas, contribuindo para o esvaziamento cultural e simbólico: não há produção de significados.

Fonte: Reprodução da Internet

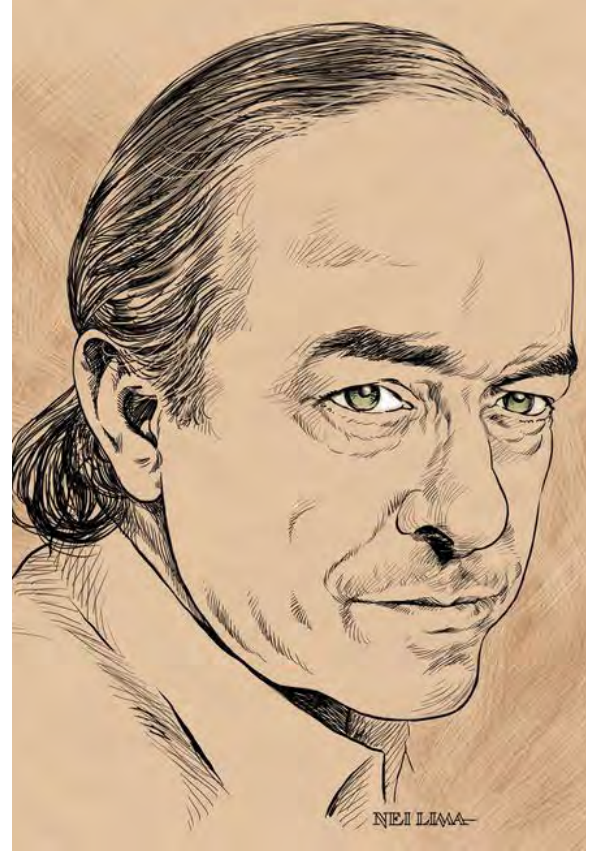


Beiguelman comenta acerca disso: “Estamos vivendo a paradoxal situação de potencialmente criar a mais rica e plural cultura visual da história, pela democratização dos meios, e mergulhando no limbo da uniformização do olhar.”

Essa uniformização despreza o cânone e o desloca para um lugar de irrelevância, tirando dele apenas derivações, sem criar nada original. Em termos culturais, nada de novo é criado, pois nas redes sociais, os conteúdos são manipulados, editados. Há um forte movimento para releituras: o fazer “remix”. É nesse cenário que a cultura e as artes estão assentados neste momento. Podemos esperar algo tão marcante e importante como aconteceu no início do século XX? Haverá outros artistas como “R. Mutt”?

VINÍCIUS E OS SABERES DO SAMBA

Roniere Menezes



Vinicius de Moraes revela-se um autor bastante conhecido por suas poesias e canções de tonalidade lírica e fácil comunicação com o público leitor, ainda que tenha escrito poemas e letras de rara sofisticação. O múltiplo Vinicius compôs samba, criou textos para o teatro e o cinema – chegou a estudar com Orson Welles –, criou poesia, crônica, escreveu sobre a garota burguesa, a prostituta do mangue, o operário em construção, sobre a cidade e o sertão, tendo realizado ainda o importante trabalho infantil intitulado Arca de Noé.

Neste trabalho, sobre Vinicius e a música popular brasileira, iremos, entre outros pontos, estabelecer algumas relações, pouco conhecidas, entre Vinicius de Moraes e Mário de Andrade. Em 2013 comemoraram-se os cem anos de nascimento de Vinicius de Moraes (1913-1980) e os cento e vinte anos de nascimento de Mário de Andrade (1893-1945). Apesar das diferenças estético-literárias e de geração existentes entre os poetas, suas produções, quando colocadas lado a lado, acabam apresentando significativas ressonâncias. Alguns conceitos empreendidos por Mário de Andrade contribuirão para a leitura realizada sobre a produção viniciana.

Mário e Vinicius foram poetas, musicistas e “coleccionadores” culturais voltados para peculiaridades artísticas brasileiras. Como sabemos, existem distinções entre o posicionamento de Mário e o de Vinicius, em relação à música popular e à cultura brasileira¹. Mas os pontos de encontro são bem fortes. Inclusive, vale

Vinicius e os saberes do Samba

ressaltar que os dois tinham um projeto de escrever, juntamente com o jornalista Lúcio Rangel, uma enciclopédia sobre a música popular carioca². Projeto esse que não vingou devido à morte prematura de Mário.

Nota-se, nas proposições dos poetas, a ênfase no saber popular como estratégia estética e política para se contrapor tanto às correntes hegemônicas da arte erudita quanto às correntes financistas da indústria cultural. Menos que a busca por um passadismo na arte, o popular pode ser visto, no trabalho de Mário e Vinicius, como uma pedra cortante a desafiar tanto o gosto musical elitista quanto os propósitos pouco nobres do mercado cultural.

Em relação às músicas da tradição popular brasileira, o musicólogo paulista associa-se ao bardo carioca na tentativa de descobrir, nessa expressão artística, “normas de compor” e “processos de cantar” associados a um valor social, coletivo e comunicativo, como propõe Mário. Nenhum dos dois interessam-se pelo passadismo, pelo “folclorismo” da produção artística mais tradicional, mas pela invenção, pelo “fazer melhor” que se alia à “sabença” – conceito marioandrino relacionado à valorização da criação popular e que será retomado adiante.

Ao serem incorporados a músicas nacionais eruditas, como pensa Mário, e a canções populares, como acontece no trajeto de Vinicius – vide o trabalho dos afro-sambas –, esses elementos populares devem ser entendidos em sua organização interna, em seus processos rítmico-melódicos. Evitam-se, assim, a citação aleatória, o exotismo, o “negrismo” que não contribuiriam em nada para a configuração de uma arte brasileira.

As parcerias de Vinicius de Moraes com vários compositores, músicos e intérpretes, evidenciam a busca de uma inovação na música popular. Esse trabalho articula-se com o diálogo estabelecido por Mário de Andrade com diversos compositores, no campo da música erudita. Ambos apresentam-se, nesse sentido, como mediadores, diplomatas tropicais.

¹Mário de Andrade empreendeu diversos estudos críticos relativos à música folclórica e à música erudita. Mas o autor também escreveu, em menor escala e, muitas vezes, no âmbito de correspondências entre amigos, importantes reflexões sobre a música popular urbana de sua época. O autor tinha, por hábito, escrever comentários na contracapa e nos encartes de diversos discos de música popular que possuía em sua residência.

²Cf. CARVALHO. Cartas cariocas, p. 68.

Mário procurou influenciar, com suas ideias, nomes como os de Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, Radamés Gnattali, Luciano Gallet, Waldemar Henrique e Villa-Lobos – este último em menor escala –, no sentido de construírem uma notação em que estivessem presentes as estruturas musicais fundamentais das raízes populares brasileiras. Mas também buscou ampliar seus horizontes abrindo-se para a expressão de violeiros, sambistas e repentistas. Vinicius foi parceiro de Tom Jobim, Baden Powell, Carlos Lyra, Chico Buarque, Toquinho, mas também de Pixinguinha, Ary Barroso e Adoniran Barbosa, entre outros. Para Vinicius, as parcerias musicais funcionavam como pacto sagrado que colocava os criadores em outra órbita de convivência, acima das amizades mundanas.

No artigo “Música Popular”, encontrado no arquivo do escritor, na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, Vinicius revela a influência musical que recebera dentro do núcleo familiar. Ao contrário da percepção mais comum de que o poeta teria feito o trânsito da alta literatura para o espaço mais simples da música popular, Vinicius assegura ter bebido na fonte da canção brasileira desde criança. O pai adorava um sarau musical; a avó materna e a mãe gostavam de tocar valsas antigas ao piano e dois tios muito queridos eram violonistas e seresteiros. Partindo desse recanto de memória afetiva, dessa “progênie”, o poeta declara que o seu destino como letrista, como cancionista, estava traçado desde a origem³.

Cumprir lembrar que, em 1927, o jovem Vinicius aproxima-se dos irmãos Paulo e Haroldo Tapajós, com quem começa a compor e a cantar em pequenos eventos. Em 1928, o poeta compõe, com os irmãos, “Loura ou morena” e “Canção da noite” – que foram posteriormente gravadas. Apenas em 1933 surge o primeiro livro: O caminho para a distância.

No ano de 1942, pouco tempo antes de ingressar no Itamaraty, Vinicius realiza, com o escritor norte-americano, Waldo Frank, uma marcante viagem ao Norte e ao Nordeste brasileiros. A viagem amplia significativamente a visão crítica social do poeta carioca, ao mesmo tempo em que acentua grandemente a valorização dada pelo autor à produção artística ligada à cultura tradicional.

³MORAES. Música popular. Arquivo Vinicius de Moraes. Fundação Casa de Rui Barbosa. VMpi 085.

Vinicius e os saberes do Samba

Em 1972, escrevendo para o jornal O Pasquim, Vinicius lembra-se de sua passagem por Salvador, no início dos anos 40. Após assinalar que a Bahia estava cada vez mais linda, escreve o novo habitante do lugar:

(...) o progresso pouco a pouco mela a tradição. O velho mercado era mesmo imundo, embora fosse uma imundície linda. (...) A cerâmica popular, com a demanda turística, perdeu bastante da autenticidade que tinha quando me fascinou pela primeira vez, aí por 1942.¹

Ainda sobre a viagem de 1942, Vinicius relata que conhecera Ciro Monteiro em Salvador, naquele ano. Ciro cantava em um cassino chamado Tabaris Night Club. A amizade se estende até a morte de Ciro, em 1973. Em 1956, Vinicius convida o cantor para fazer o papel de Clio, pai de Orfeu, em Orfeu da Conceição. Vale ressaltar que naqueles anos iniciais da década de 40, Vinicius passa a conviver mais de perto com Rubem Braga, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Carlos Drummond, com o sambista Ismael Silva e com o próprio Ciro Monteiro, entre outros. O cotidiano ganha um novo espaço na criação estético-literária e na fruição existencial viniciana.

A peça Orfeu da conceição, de 1956, possibilita o encontro musical entre Jobim e Vinicius. O texto começa a ser escrito em 1942, sob o impacto da experiência recente de Vinicius com a favela e o sertão brasileiros – lugares visitados pelo poeta na companhia de Waldo Frank.

Em 1958 é gravado Chega de saudade, com composições de Jobim e Vinicius, temperadas pelo toque peculiar do violão de João Gilberto. Como sabemos, o disco marca o surgimento da Bossa Nova. Em lugar da tristeza pela perda, da “dor de cotovelo”, frequentes nas músicas daquela época, os versos escritos pelo poeta enfatizam a possibilidade do encontro amoroso. Mesmo a tristeza da solidão e dos desencontros revela-se mais leve, pois apresenta-se permeada pela esperança de um futuro melhor. Vinicius reinaugura, assim, a representação amorosa no cancionário.

¹MORAES. Samba falado, p. 181.

Em 1962, Vinicius conheceu Baden. A relação do poeta com a cultura e a musicalidade afro-brasileira entra em um novo patamar. No ano de 1966 é lançado o importante disco *Os Afro-sambas*. Notamos haver alguns diálogos entre a relação de Mário de Andrade com Villa-Lobos e a de Vinicius com Baden Powell. Mário revela ter escrito uma carta incitando Villa-Lobos a viajar ao recôncavo baiano para recolher ricas cantigas folclóricas da região que poderiam se perder com o processo de modernização do país. Mário chega a “mentir” para o maestro, afirmando que um compositor estrangeiro estava querendo ir ao Estado nordestino para recolher as peças e retrabalhá-las. Villa-Lobos parte para a Bahia como colecionador musical. “Cantilena” (O rei mandou me chamar), que compõe a coletânea *Modinhas e canções*, de 1938, é resultado da jornada baiana. O trabalho do compositor revela-se como espécie de tradução, para a música erudita, de motivos negros do recôncavo baiano.

Baden também fez suas bricolagens musicais. Em texto datilografado intitulado “Meu parceiro Baden Powell”, Vinicius refere-se a Baden e aos afro-sambas.¹ O poeta recorda ter recebido, de presente, um disco de músicas típicas baianas, com “sambas-de-roda, pontos de candomblé e toques de berimbau”. O poeta e o violonista ouvem o disco e conversam bastante sobre a criação de um projeto musical com foco diferencial na questão negra. Baden então viaja à Bahia, convive com os músicos do candomblé, frequenta terreiros, experimenta intensamente as pulsações rítmicas, estuda os sentidos das batidas dos tambores, etc. O violonista voltou tomado por aqueles ritmos e cantos de Orixás. Vinicius e Baden empreendem, então, uma tradução inventiva e extremamente original do material coletado; criam belos temas, ampliando o espaço sonoro do samba. Para Vinicius, esta nova proposta traria uma perspectiva mais brasileira para o círculo da canção nacional.²

Entre os diálogos possíveis de serem estabelecidos entre Mário de Andrade e Vinicius devem estar presentes a cidade do Rio de Janeiro, onde Mário morou entre 1938 e 1941 – convivendo, na Lapa, com compositores e sambistas como Aracy de Almeida e Ismael Silva – e o Norte e o Nordeste Brasileiros, conhecidos

¹MORAES. *Meu parceiro Baden Powell*. VMpi 077.

²MORAES. *Poesia completa e prosa*, p. 803.

Vinicius e os saberes do Samba

conhecidos por Mário em duas viagens entre 1927 e 1929 e por Vinicius em 1942. A Bahia, com suas cantigas negras, seus atabaques e berimbaus acentua o diálogo, principalmente a partir das pesquisas, encorajadas pelos poetas e feitas por Villalobos e Baden Powell.

Em sua produção para jornais, Vinicius escreve artigos questionadores em relação ao estado da música brasileira. Em “Bolerização”¹, texto de 1953, o poeta critica, assim como fizera Mário de Andrade, a massificação musical, imposta por modismos importados. O crítico carioca assinala que o interesse comercial, juntamente com as “muitas formas de escapismo de uma sociedade doente e entediada” contribuem para a instauração do “nostálgico ritmo-de-bacia (pélvica)”. Para Vinicius, o bolero é o contrário da saúde dionisíaca encontrada na boa música popular. Com a instauração da bossa nova, o letrista lança seu grito de alegria e confiança diante do drama melancólico que pressentia nas cadências do bolero nacional.

Ainda em 1953, na seção Diz-que-discos, da Revista Flan, no artigo “Linha Pura”², Vinicius mostra-se um ardente defensor do samba carioca de “linha pura”. Apenas com o samba tradicional seria possível sentir as “verdadeiras características” desse gênero. O crítico reitera a percepção da estrangeirização reinante na canção, elogiando os compositores que se colocam contra essa tendência. A influência “perversa” estrangeira se faz sentir na construção musical e na orquestração do samba. Ataulfo Alves é elogiado por fazer parte da resistência da música brasileira. Nota-se, no texto, a ênfase na defesa do que é nacional e carioca. Compositores como Pixinguinha, Sinhô, Ismael Silva, Noel, Wilson Batista fazem parte da “cortina do samba” que desvelam o verdadeiro caminho da música brasileira, ao contrário dos “samboleristas” e dos “santanguistas”. Estes contribuem para a “descaracterização crescente desse grande patrimônio do Rio e do Brasil (...) cuja vitalidade carioca é preciso defender custe o que custar.”³

Como ressaltamos, percebe-se, nas reflexões de Vinicius dos anos 50, uma defesa ardente do que é nacional e local em contraposição a estrangeirismos. Por ironia,

¹MORAES. Samba falado, p. 51.

²MORAES. Samba falado, p. 53-54.

³ MORAES. Samba falado, p. 54.

o poeta sofrerá muita crítica no mesmo sentido, quando do surgimento da Bossa Nova, pois as relações entre o samba e o jazz eram, muitas vezes, vistas como formas de descaracterização do tradicional samba brasileiro.

No ensaio intitulado “O negro no samba e no jazz”, texto sem data, Vinicius escreve a respeito da linguagem do samba. Nota-se, na escrita do antigo texto, a observação de simples e instigantes temáticas presentes na música de morro do Rio de Janeiro:

O samba carioca oferece duas tendências nítidas, quais sejam: a social, determinada pela observação de eventos ou peculiaridades sociais das quais ele se faz o cronista ou o crítico, e uma tendência individualista, na qual o compositor se volta para si, ou para o homem em si, e nele observa suas crises, peculiaridades, paixões, manias, etc. E, naturalmente, a canção de amor, que esta se exerce sempre porque o viver é uma força eterna e imutável na sociedade.¹

O elemento social – exterior –, o individual – subjetivo – e o terceiro apontado por Vinicius – o tema do amor – refletem-se sobremaneira em todo o percurso poético-musical empreendido pelo poeta carioca.

A canção “Garota de Ipanema” (Jobim e Vinicius) funciona como um claro exemplo da presença desses três elementos constitutivos do samba carioca – elencados por Vinicius – na própria criação artística do autor. Na primeira parte da canção, notamos o olhar do poeta para o exterior. O letrista torna-se o cronista do cotidiano: “Olha que coisa mais linda/mais cheia de graça/ É ela menina/ Que vem e que passa.” O ritmo, nesse momento, revela-se mais marcado, mais delineado, imitando o passo requebrado da garota que passa. A cadência busca mesclar o andamento da canção com o balanço do corpo e o balanço do mar. Na terceira estrofe, podemos perceber o segundo elemento tratado por Vinicius: a “tendência individualista na qual o compositor se volta para si ou para o homem em si”. Nesta parte, ouvimos: “Ah, por que estou tão sozinho/ Ah, por que tudo é tão triste?”. As notas tornam-se mais longas, o tempo se “alarga”, torna-se mais suave.² Há uma modulação harmônica para meio tom acima, o que pode sugerir um lugar mais distanciado do sujeito lírico em relação ao seu objeto, denunciando

¹MORAES. Samba falado, p. 16.

²Sobre essa questão, vale conferir o livro O cancionista, de Luís Tatit.

Vinicius e os saberes do Samba

do a ausência, a falta da mulher desejada na instância ocupada pelo cantor. Percebe-se uma reflexão mais intimista e subjetiva do sujeito lírico. Ao final da canção, há o retorno ao ritmo inicial que, como a mulher que passa, alegra o mundo. O terceiro elemento do artigo escrito por Vinicius permeia todo o texto: a temática do amor; aliás uma característica que percorre toda a sua obra, seja na poesia, na prosa, na música ou no teatro.

A constante presença, no corpo das canções, de imagens indicativas de movimento revelam Vinicius não apenas como poeta do trânsito, do “contato diplomático” entre diferenças, mas também como poeta da transitoriedade. Imagens do flâneur percorrem vasto campo das criações do poetinha. Podemos citar, como exemplo, a canção “Quando tu passas por mim”, de 1953, de Vinicius e Antônio Maria, com gravação original de Aracy de Almeida e acompanhamento de Abel Ferreira e seu conjunto.¹ Na letra, podemos observar a imagem do amor que passa: “Quando tu passas por mim/ por mim passam saudades cruéis/ Passam saudades de um tempo/ Em que a vida eu vivia a teus pés”.²

“Garota de Ipanema”, de 1962, revela também reflexos de um poema de Vinicius publicado no livro *Novos poemas*, de 1938: “A mulher que passa”: “Meu Deus, eu quero a mulher que passa/ Seu dorso frio é um campo de lírios/ Tem sete cores nos seus cabelos/ Sete esperanças na boca fresca! // Oh! Como és linda, mulher que passas/ Que me sacias e suplicias/ Dentro das noites, dentro dos dias!(...)”.³ “Garota de Ipanema” apresenta, ainda, uma referência mais distante, vinda de importante poema de Charles Baudelaire intitulado “A uma passante”: “Uma mulher passou, com sua mão vaidosa/ Erguendo e balançando a barra alva da saia”.⁴ Esse percurso intertextual, lembrado, aqui, de modo rápido, revela, entre outras coisas, o modo como Vinicius rearticula, em suas criações, sua ampla formação cultural, seu múltiplo repertório. Como poucos, o poeta liga a mais refinada tradição literária ao ritmo mais “primitivo” da tradição afro-brasileira.

No trabalho musical de Vinicius de Moraes, podemos verificar a incidência da instigante ideia cunhada pelo amigo Mário de Andrade: o conceito de “sabença”. Para Mário, “sabença” deve ser entendida como o método de pesquisa que permite a compreensão da maneira de pensar e criar da tradição popular. O

¹Segundo pesquisadores, a letra e a música são de Vinicius, mas o poeta deu a parceria de presente ao amigo.

²Cf. MORAES. *Poesia completa e prosa*, p. 1331.

³Cf. MORAES. *Poesia completa e prosa*, p. 261-262.

⁴Cf. BAUDELAIRE. *As flores do mal*.

conceito, ao mesmo tempo em que amplia a percepção de arte e de conhecimento, valorizando a consciência criativa nacional, traz a proposição de uma lógica que perverta e traduza as influências estrangeiras de forma “espertalhona”.

Em relação a influências de Mário na produção de Vinicius, este assinala, em entrevista, que, em 1942, após ter voltado da Inglaterra, onde estudara em Oxford, estreitou bastante a amizade com o paulista. Respondendo a uma pergunta sobre o papel do autor de Ensaio sobre a música brasileira em seu encontro com as fontes populares, o carioca responde, assinalando que Mário – um homem de profunda “vocação para a amizade” – teria tido um lugar de destaque nesse projeto: “A importância das conversas, dos bate-papos tremendos que nós tínhamos.”¹

Pensando na proposta da “sabença”, cumpre trazer ao debate dois pequenos exemplos ligados   cria o popular. Na composi o “A santinha l  da serra”² (Moacyr Santos e Vinicius), percebemos, além de outros dados, a íntima rela o entre a constru o melódico harmônica, banhada por influências tradicionais, e o texto, tomado por expressões que se aproximam do discurso oral, por elementos voltados para a credice e a religiosidade popular: “A santinha l  da serra/ Todo mundo quer ver/ E leva um bocadinho de terra/ Pra ela benzer”.

Podemos também apresentar, nesse sentido, “Samba da b n o” (Baden e Vinicius).³ A can o – onde   tecido um inventário de amigos e parceiros, mestres da música brasileira – constrói-se pela mescla entre recita o e canto. O texto desvela marcas autobiográficas: o samba nascido na Bahia tornou-se, com o poeta, branco na poesia, mas permanece negro, em sua estrutura essencial. O traço da espontaneidade, da conversa na roda de amigos torna-se evidente. O sujeito lírico pede a b n o – força e prote o – aos amigos mais velhos, aos mais sábios, mas também aos mais novos. Ao mesmo tempo, o pedido revela-se como forma de reverência aos talentos citados.

A presença de conselhos relativos   transmissão da experiência vivida, muitas vezes ancorados no discurso proverbial, torna-se um forte aspecto das composi es de Baden e Vinicius. Desse modo, o letrista resgata, da expressão

¹MORAES. Depoimento dado ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, em 1967. In: COHN, Sérgio; CAMPOS, Simone (Orgs.). Vinicius de Moraes, p.36-37.

²Cf. MORAES. Poesia completa e prosa, p. 261-262.

³ Cf. BAUDELAIRE. As flores do mal.

Vinicius e os saberes do Samba

popular, não apenas os signos e a sonoridade de origem africana, mas a dicção, o imaginário religioso, os valores da cultura oral: “É melhor ser alegre que ser triste”, “Cuidado, companheiro!/ A vida é pra valer/ Não se engane não, tem uma só”, “Ponha um pouco de amor numa cadência”, etc. Para Walter Benjamin, aconselhar “é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria.”¹

Vinicius não se limita ao trabalho com a tradição popular, está sempre aberto aos diálogos com a cultura erudita, com as vanguardas artísticas, as tecnologias importadas. Se em suas canções percebemos a forte “sobrevivência” de ritmos, entoações e versos de expressões culturais antigas, devemos, por outro lado, observar que saberes ligados à formação erudita, e mesmo aspectos metafísicos, nunca abandonam por completo o poeta e o letrista. Pensamentos e imagens relativos à passagem do tempo, questões pertinentes ao sentido da vida e da morte surgem, às vezes, entremeadas às canções mais simples, mais despretensiosas, como se pode observar em “Sei lá, a vida tem sempre razão” (Toquinho e Vinicius): “Tem dias que eu fico pensando na vida/ E sinceramente não vejo saída/ Como é por exemplo que dá pra entender/ A gente mal nasce e começa a morrer (...)” Se, em Vinicius, às vezes ocorrem reflexões metafísicas ligadas à ausência de saída para o destino humano, por outro lado, a questão utópica emerge em diversos momentos de sua produção. O espaço imaginado de plenitude existencial e de amplas interações no âmbito da vida em comum, compartilhada, ganha contornos bem expressivos nas composições do autor. Isso pode ser visto, entre outros exemplos, em “Tarde em Itapoã” (Toquinho e Vinicius), música que retoma o imaginário mítico das praias baianas – presente nas canções de Dorival Caymmi. Quanto à relação da utopia com a partilha do sensível na arte, Jacques Rancière afirma: “A utopia é o não-lugar (...). Mas também é a configuração de um bom lugar, de uma partilha não polêmica do universo sensível, onde o que se faz, se vê e se diz se ajustam exatamente.”²

Em seu trajeto pessoal e artístico, Vinicius encaminha-se, sempre mais, para uma política do cotidiano – presente nas relações interpessoais, no comporta-

¹ BENJAMIN. O narrador, p. 200.

² RANCIÈRE. A partilha do sensível, p. 61.

mento frente ao outro, no modo de inserir o corpo na luta política. Em diversos textos e posturas, notamos a relação do escritor com propostas relacionadas à contracultura e mesmo com a ideia, retomada por Michel Foucault, da “estética da existência”.¹

Torna-se importante salientar que, além das canções, a própria poesia de Vinicius marca-se por uma inerente musicalidade. O poeta maneja, como poucos, o tecido literário quando se pensa no critério sonoro. Percebe-se, em seus poemas, instigante trabalho melódico, rítmico, presença de timbres elaborados. Nota-se, nos textos, entre outros pontos, sutileza entoativa, recursos típicos da oralidade e jogos sintáticos. Tudo isso traz um rico caráter musical à escrita viniciana. Os versos parecem embalados por um compasso e uma melodia subjacentes que lhes garantem vigor e permanência. A adequação entre escrita e melodia revela-se, portanto, um forte atributo da poesia viniciana.²

Quanto ao trabalho de colocar letra em música, Vinicius soube arranjar muito bem a escrita e a melodia, sem deixar uma eclipsar a outra. O poeta demonstrava profunda sabedoria estética quando escrevia letras para músicas já elaboradas – que era o seu trabalho mais habitual nesse campo artístico. Ele percebia, com lucidez, e ao mesmo tempo apresentando rara intuição, aquilo que a canção demandava em termos poéticos. Por isso, as criações produziam um resultado muito bem delineado – em se tratando do casamento entre letra e melodia. Mas é bom dizer que o salto do Vinicius poeta para o Vinicius letrista não se fez de modo simples e fácil. O poeta esforçou-se muito, trabalhou com empenho e rigor, para atingir uma maior destreza na confecção de canções, para dotar as palavras cantadas de elegância, leveza e precisão.

Neste ensaio, ao mapearmos passagens relativas ao trabalho de Vinicius enquanto letrista e crítico musical, procuramos trazer à tona modelagens de pensamento que se escondem nas dobras da tradição crítica brasileira mais canônica. Os diálogos transdisciplinares estabelecidos por Vinicius entre literatura e música – ponteados pela dicção popular – contribuem para a configuração de um entendimento mais aberto, menos segmentado, sobre a produção artístico-intelectual no Brasil.

¹Cf. ORTEGA. Amizade e estética da existência em Foucault.

²Cf. FERRAZ. Vinicius de Moraes.



Fotografia : Tainá Verona

Esqueceram da Dolly

Suzi De Andrade Leite

Eu tenho, você não tem
Eu tenho, você não tem
Eu tenho a Barsa discada
Eu tenho Push Pop Pochete

Então compre Bate-enrola
Bate-cola, bate-pula no Pogobol
Então não compre nobre e não ganhe Maggi
Ou compre, compare, convença com Capricho

Walk a man to disc Melissa
Na Central do Hubble o Titanic afundou
Olha que coisa mais linda no canal UHF
No espaço elas cantam, na rua eles dançam

D verde, D amarelo, D longe
Cuidado, Jeremy!
Salve Sabadão, salve a Seleção
Segurança não, SALVE a poupança da população

DISTOPIA DE UM FUTURO NÃO TÃO DISTANTE:

**narrativa, composição
visual e a distopia do
trabalho na série Ruptura**

Suzi De Andrade Leite

Recentemente uma ilustração divulgada na página BoB 's Cartoons ganhou as redes sociais em forma de meme pois na imagem vemos o escritor inglês George Orwell com uma expressão assustada lendo um livro intitulado "2022". Além do humor e sarcasmo, a imagem causa um enorme impacto ao difundir uma reflexão acerca da atualidade, a ponto de assustar até mesmo um dos grandes imaginadores da narrativa distopia da literatura. Orwell previu em "1984" um futuro conservador e totalitário, comandado sob a vigilância constante do grande irmão e com os avanços velozes da tecnologia é difícil não pensar nessa narrativa ao quadrado, e saber que uma distopia pode não estar tão distante de nós.

A obra Ruptura, ou no título original Severance, é uma série original do streaming Apple TV+ e protagonizada por Adam Scott. Narra a história de uma grande empresa que consegue criar um procedimento, chamado "ruptura", que separa as memórias pessoais das memórias profissionais. Sendo assim, enquanto os personagens estão no ambiente profissional, eles nada lembram de sua vida pessoal, incluindo família, amigos, casa, preferência, gostos e etc. Ao passarem novamente pelo elevador da empresa para saírem, suas memórias pessoais retornam à mente e as profissionais somem completamente.

A narrativa acompanha o personagem Mark, que aceita passar pelo procedimento de ruptura em uma tentativa de esquecer, mesmo que apenas por oito horas do seu dia, uma tragédia pessoal. Após uma demissão misteriosa na Lumon, empresa onde trabalha, Mark é promovido a chefe do departamento de "Refinamento de Macrodados".

Distopia de um futuro não tão distante:

Lá ele conta com a companhia de três funcionários, o metódico Irving, o experiente Dylan e a recém “ruptura” Helly, mas tudo começa a mudar quando esses funcionários percebem que coisas estranhas acontecem dentro desta empresa e que vivem em um regime de vigilância constante, motivando Mark e seus colegas de trabalho a questionarem o que acontece dentro e fora da Lumon. Ao tentarem se livrar das amarras do procedimento de ruptura e voltarem para suas vidas cotidianas “livres”, as coisas se complicam ainda mais e os mistérios por trás desta corporação - que em alguns momentos parece um culto - vão se revelando aos poucos dentro dessa distopia mais do que realistas.

Não há gênero mais assertivo para abordar as possibilidades de um futuro do que as distopias. Depois da literatura e do cinema, é a vez da tv e dos streamings aderirem às obras distópicas, apresentando ao público universos paralelos, dominados pelo conservadorismo, totalitarismo e tecnologia. Vimos isso em Black Mirror (Netflix, 2011-presente), Handmaid's Tale (Hulu, 2017-presente) Made for love (HBO Max, 2021-presente) e agora em Ruptura. A narrativa apresenta um futuro não tão distante, opressor, vigilante e sob o olhar onipresente do que a tecnologia pode oferecer. Assim, em nove episódios de aproximadamente 50 minutos, a obra vai nos cercando em uma rede de medos e angústias atuais (sobretudo após a pandemia), ao mostrarem um mundo corporativo rígido que incitam seus funcionários a se dedicarem totalmente ao trabalho, recompensando-os com presentes fúteis, até mesmo idiotas, quando alcançam uma determinada meta. Podemos traçar um paralelo com os acontecimentos dos últimos anos, desde o estouro da pandemia da Covid-19, a privacidade foi invadida violentamente pelo universo corporativo e, sem muitas objeções, fomos obrigados a aceitar essa invasão revestida de “democracia e acesso à tecnologia da informação”. Desta forma, o ambiente corporativo anulou todo resto de vida, causando uma ruptura imaginária da nossa rotina. Diferente da série, não podemos dissociar totalmente nossas tarefas profissionais das pessoais, tudo se mistura abruptamente e transforma nossa relação com o trabalho.

Além de um roteiro inteligente, ao conseguir conectar os conflitos modernos e elevá-los ao nível do absurdo, Ruptura consegue traduzir em sua composição visual toda a tortura de viver sob um domínio opressor, do qual é difícil fugir e quase infernal de se viver. O diretor de arte, Jeremy Hindle, sob a supervisão do criador Dan Erickson chegou a um moodboard (painel de inspirações), utilizou inúmeras referências para criar os cenários da produção. .

Uma das referências baseia-se na releitura de uma lenda urbana cibernética que ficou popular a partir de 2019 em fóruns anônimos, conhecida por teoria dos Backrooms. Podemos ver essa inspiração em movimento nos escritórios da Lumon. Logo nos primeiros minutos da série temos corredores extremamente brancos e intermináveis, quase um labirinto, por onde os personagens transitam até chegarem ao seu departamento. Quem conhece a teoria dos Backrooms consegue sentir uma angústia amplificada, já que, na lenda urbana que viralizou na internet, narra-se um momento de terror em que, supostamente, as pessoas são transportadas para um universo paralelo composto apenas por salas vazias e intermináveis corredores em tons pastéis e por lá vivem vagando até o fim de seus dias, procurando uma saída e fugindo de criaturas horríveis.

Com isso, os cenários e as locações internas dos ambientes corporativos dentro da série fazem uma alusão direta aos Backrooms, objetivando o total e completo isolamento dos personagens dentro da empresa. Desta forma, além de não poderem reter as informações com as quais lidam durante a jornada de trabalho na Lumon, ficam implícitas as proibições misteriosas referentes aos funcionários não interagirem com outros profissionais da corporação. Visualmente essa composição fica interessante e lembra muito outras duas referências visuais dos criadores da série, a primeira é o filme *PlayTime - Tempo de diversão* (Jacques Tati, 1967) que mostra uma separação entre um escritório futurista. A segunda é sobre o filme *Quero Ser John Malkovich* (Spike Jonze, 1999), que apresenta um ambiente corporativo literalmente incômodo. Com isso, o criador da série Dan Erickson transformou uma de suas frustrações enquanto trabalhava em escritórios tediosos em uma metáfora fantástica sobre como o ambiente corporativo afeta o sujeito.

Além dos corredores, a paleta monocromática de cores do ambiente corporativo é pensada para criar um efeito de clausura e esperança, usando o branco excessivamente para torturar, mas também para criar um contraste com a cor verde que para nós, espectadores, é a cor que remete a natureza e a algo genuíno. Por isso, a cor verde, fica em evidência no chão, nos detalhes destas salas encaixotadas e na indumentária da personagem Helly, recém contratada da Lumon e que mais se arrepende de ter passado pelo procedimento de ruptura. Seu arco dramático é o conflito de tentar escapar a qualquer custo desta condição.

Distopia de um futuro não tão distante:

Há ainda, elementos que nos colocam dentro um lugar Retro futurista, apresentando um escritório com equipamentos antigos, mas com detalhes minimalistas e modernos, como os computadores e o sistema operacional utilizados para atividades de refinamento dos macros dados. O Retro Futurismo é uma característica fundamental para as composições distopicas desse tipo de narrativa, é o olhar do passado sobre como poderia ser o futuro. A série brinca com esse conceito ao mostrar a esfera fora do trabalho com elementos modernos e conectados com o presente. Ao mesmo tempo, na esfera corporativa, temos uma desconexão ou um rompimento temporal, indicando que essa empresa e esses funcionários estão parados em um tempo desconhecido, lidando com máquinas obsoletas e exercendo uma atividade, sem saber do se que trata ou qual a sua finalidade..

A sincronia da direção de arte com a fotografia é contemplada com planos que, além de valorizar todo o trabalho de artístico proposto, ampliam a clausura e o sentimento de angústia ao mostrar planos fechados no rosto dos personagens e movimentos de câmera que traduzem o desejo de fugir daquele lugar. A responsável por esse efeito é a fotógrafa Jessica Lee Gagné, que mesmo relutante, aceitou o desafio de filmar espaços brancos, monocromáticos e sem informação prévia (algo considerado difícil para a direção de fotografia). Ela cria uma imagem forte e impactante, usufruindo de todo o leque de possibilidades da linguagem cinematográfica, usando equipamentos que produzem movimentos suaves, como o Travelling ou a técnica da câmera na mão para os momentos mais vibrantes. Para retratar toda a tensão, a vigilância e o medo que rondam na Lumon, Gagné se inspirou nos fotógrafos Lewis Baltz e Lars Tunbjork, famosos por criar fotos em ambientes vazios e isolados, ou ambientes corporativos surrealistas. Para isso, a diretora buscou ângulos incomuns do audiovisual, como uma câmera mais alta mostrando os personagens, ângulos que evidenciam o teto do escritório e diminuem a dimensão espacial que temos da tela, aumentando a sensação de claustrofobia e de aprisionamento que esses personagens estão passando. Em alguns momentos, temos uma “ruptura” das convenções de linguagem, quando ela opta por filmar os diálogos de um mesmo ponto no eixo de 180°, causando um estranhamento enorme para o telespectador alfabetizado no modo narrativo clássico de plano em 0° e do contra plano em 180°, revezando de um plano para o outro.

Nesse caso, essa quebra de linguagem é feita para valorizar os espaços físicos criados para a série. Há também representações de poder, através das linhas guias para destacar um determinado personagem ou o uso de divisórias, que compõem quadros dentro do quadro geral (a tela), e que causam o efeito de mise en abyme, um abismo muito fundo e interminável.

Outro destaque da fotografia e da direção cirúrgica, é a recorrência do “duplo”, ou seja, é a frequência em que se mostra os personagens duplicados, sejam em reflexos nos espelhos e vidros ou na própria natureza do roteiro, que nos motiva a separar cada personagem entre a persona do trabalho e a persona da vida pessoal - algo comum para a modernidade. Nossos duplos que vivem nas redes sociais e que nos perseguem a fazer parte desse movimento. Essa composição visual lembra O Duplo de Fiódor Dostoiévski, que narra a manifestação de um doppelganger que vive paralelamente a vida do protagonista, algo que, para algumas culturas folclóricas europeias, remete ao mau presságio, tal qual como mostrado na série. Vale aqui uma menção ao terceiro episódio, que cria uma passagem visual de passado e presente dentro da diegese da série, conectando as memórias de um personagem em específico a partir de seus duplos.

Por falar em direção, os créditos apresentando Ben Stiller como um dos diretores é uma grata surpresa para os cinéfilos de plantão. O ator, que há muito vem se dedicando às atividades por trás das câmeras, tem um papel fundamental na construção visual dessa distopia, dividindo essa responsabilidade com a veterana Aoife McArdle. Stiller molda a temperatura e o clima da série com artifícios clássicos, como por exemplo, optar em usar um efeito de câmera que une as técnicas de dolly/travelling e zoom, conhecido como efeito vertigo ou efeito Hitchcock, para mostrar o exato momento em que a ruptura acontece dentro do elevador da empresa. Nesse momento, percebemos visualmente que a cabeça dos personagens fica suavemente maior devido à distorção que o efeito técnico causa. Isso pode denotar a recuperação das memórias pessoais ao sair da Lumon.

Distopia de um futuro não tão distante:

A interferência certa de Ben Stiller, refere-se à abertura da série, uma das coisas mais instigantes e bonitas produzidas para a obra. Para isso, o diretor encontrou o artista visual, Oliver Latta no Instagram, ficando impressionado com suas obras digitais sobre a distorção humana. Então, ele convidou Latta para criar a abertura de Ruptura. Nessa abertura, o artista consegue traduzir os conflitos da série e acrescenta ideias ao colocar as repetições, já que os funcionários da Lumon são representações da figura do trabalhador de Tempos Modernos (Charlie Chaplin, 1936).

A série mergulha fundo na ideia da distopia do trabalho, criando sua própria interpretação do Mito da Caverna de Platão, ao deixar seus funcionários completamente isolados da sociedade, executando tarefas obscuras e sem a possibilidade de questionamentos. Qualquer indício de "revolução" dentro desse ambiente, resulta em punições radicais e severas. Ruptura se faz relevante por contemplar e debater os limites e as hipocrisias do ambiente corporativo, criticando a ilusão de uma união em um lugar que responde ao capitalismo, sendo uma distopia não tão distante, porque, sem participar desse movimento, não há acesso ao básico para a sobrevivência dos personagens. Em nossa sociedade, a cada dia ocorre uma tentativa de domesticação imposta e os direitos se esfacelam. O escuro da caverna fica maior e a melhor tentativa de romper as correntes em direção a luz é o enfrentamento.

Pensando em uma prospecção de futuro, a arte, sobretudo o audiovisual, evidenciam como as distopias estão mais conectadas com o presente, deixando o futuro no lugar do "e se...", para que não esqueçamos os perigos do totalitarismo e dos regimes conservadores. Mais do nunca estamos cercados de alertas revestidos de arte que estão mostrando possibilidades de um futuro complexo e difícil. Talvez seja essa a missão de nossos autores para os próximos 100 anos, enfrentar o comportamento autoritário com a poesia, seja ela verbal ou visual, e ser insistentes para que estas distopias se afastem de vez. Ruptura está atualmente em sua primeira temporada, e disponível na plataforma de streaming Apple TV+. Apesar de deixar um gancho sufocante para uma continuação, até o momento da redação deste texto, não foram confirmadas datas para estreia de uma segunda temporada. Sendo assim, vale a pena assistir uma das melhores produções do ano de 2022.

QUESTÕES DE GÊNERO

NA ARTE: *grandes artistas que romperam paradigmas, mas que foram esquecidas com o tempo.*

Em um mundo dominado por homens, opor-se às normas socialmente aceitas, ser uma mulher empoderada, expressar seus desejos mais reprimidos por meio da arte, ou mesmo exercer os cargos que deseje empreender, atualmente não são tarefas fáceis, imagina a décadas ou séculos atrás? Ora, será que ainda há espaço para o preconceito de gênero em pleno século XXI? E daqui a cem anos?

Convenhamos que a desigualdade de gênero não é algo recente, está impregnada em nossa sociedade desde os mais longínquos tempos, significa legitimar os direitos de um sexo e do outro não, é privilegiar o ser masculino e rebaixar o feminino. Dessa forma, o homem, que sai para o trabalho e sustenta os filhos e a esposa, ficou convencido a ser o chefe da família. Já a mulher ficou com o papel de cuidadora do lar, lava, passa e cozinha, subserviente ao marido. Assim, não é surpreendente constatar que a questão de desigualdade e preconceito de gênero reverbere também no ambiente artístico. São inúmeras escritoras que tiveram suas obras rejeitadas, impedidas de frequentar escolas de artes, ou meramente esquecidas pelo público em geral, nunca foram devidamente reconhecidas em seu tempo, nem mesmo após morrerem. As que tinham um mínimo de reconhecimento não recebiam valores semelhantes aos dos artistas do gênero masculino.

Nada mais justo, portanto, que exaltar artistas que verdadeiramente fizeram história, romperam barreiras, tabus, defenderam seu modo de pensar e quebraram paradigmas nunca antes quebrados e que foram responsáveis, por que não, por revolucionar a história da arte e promover debates com temática de igualdade de direitos, empoderamento feminino e desejo de autoaceitação. Abaixo, nós, da revista Editar, listamos artistas que talvez você não conheça, mas que foram de extrema importância para a construção de um pensamento voltado para a liberdade de expressão, inclusão de minorias, ousadia e que foram firmes em seus propósitos. Logo após, não deixe de conferir uma pequena pesquisa de opinião realizada com alunos do ensino superior do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, localizado na cidade de Belo Horizonte-MG, sobre o assunto.

LILI ELBE

Nascida na Dinamarca, em 28 de Dezembro de 1882, Lili Elbe Elvenes desde nova se sentiu estranha com relação ao seu gênero, foi registrada ao nascer com o nome de Einar Mogens, a princípio um homem com feições típicas. Mogens, um clássico pintor, considerava haver nascido com o sexo errado. Casou - se ainda muito jovem com a também pintora Gerda Wegener, com quem teve sua primeira experiência sexual, como também sua primeira vivência feminina. A modelo faltou ao ensaio do dia e Lili precisou usar um vestido longo a pedido de sua esposa. Assim, Lili se identificou imediatamente com o traje e nunca mais quis se desvencilhar dele, compreendeu que era de fato uma mulher e não um homem.

Foi a primeira mulher trans a passar pelos procedimentos de transição de gênero, em 1930, provou que, mesmo em uma época em que o preconceito reinava, desistir dos seus sonhos não era uma opção. Influenciou várias pessoas, por meio de suas obras, a assumirem o seu verdadeiro eu.

Recentemente sua história foi contada no filme " A garota dinamarquesa", de 2017, tendo sido uma das obras mais indicadas ao prêmio Oscar daquele ano. O filme foi na verdade uma adaptação de um livro inspirado em Lili, de nome A Moça de Copenhague, Rocco, escrito por David Ebershoff. Sobre a adaptação cinematográfica, o autor disse certa vez, orgulhoso da recepção do público para com a história da artista:

Fotografia:



“Em setembro, visitei o túmulo de Lili em Dresden e o diretor do cemitério me disse que todo mês umas 10 pessoas vão lhe prestar homenagens. Deixam flores e velas ou passam tempo com ela. Imagino que o número tenha aumentado nos últimos anos e que, com o filme, se entenderá ainda mais quem foi e o que conseguiu. É por isso que precisamos de mais histórias e é por isso que o público ouviu e aceitou as de Caitlyn Jenner, Laverne Cox, Chaz Bono, Renée Richards (autores do longa) e muitos outros. Cada vez que uma pessoa transgênero conta sua experiência, nossa compreensão coletiva cresce”

Lili Elbe queria se tornar uma mulher por completo, ansiava por gerar um filho de seu ventre, sentir as dores do parto e constituir família com o seu então namorado, o negociante e também artista francês, Claude Le Jeune. Para isso, se submeteu, em 1931, a uma cirurgia inédita para a época: a cirurgia de transplante de útero, contudo, o pós-operatório não foi bom, sofreu uma infecção séria que ocasionou, três meses depois, na sua morte. Partia assim uma das mais aguerridas e talentosas artistas de todos os tempos, primeira mulher registrada como sendo transexual, um ser além do seu tempo, que merece ter sua história contada para mais e mais pessoas, hoje e daqui a cem anos.



Lili Elbe, ilustrada por Gerda Gottlieb, sua ex-esposa.

ARTEMISIA GENTILESCHI

E falando sobre grandes artistas que não são tão conhecidas pelo grande público, não há como não citar a polêmica pintora barroca italiana, primeira mulher a ser membro da academia de pintura de Florença, Artemisia Gentileschi- Lomi, considerada uma das precursoras do movimento feminista. Ela ocupou espaços nunca antes frequentados por mulheres e deu visibilidade ao gênero, principalmente depois de ser vítima de abuso sexual por seu professor. Ao analisarmos suas obras, vemos uma predominância de pessoas do sexo feminino exercendo papel de protagonismo nas pinturas. De origem romana, nasceu em 8 de julho de 1593, filha do também pintor, Toscano Orázio Gentileschi, com quem aprendeu, desde nova, técnicas avançadas de pintura em tela. Uma de suas obras mais conhecidas, por exemplo, foi produzida no auge dos seus 17 anos, intitulada "Susana e os anciãos" (1610), nela, são retratados dois anciãos em situação de flerte com uma jovem camponesa, que aparentemente não se sente confortável com a situação. Clara crítica ao assédio e opressão.

A temática feminista é um dos pontos fortes encontrados nas obras dessa artista, percebe-se uma preocupação em exaltar o empoderamento feminino, propor reflexões sobre a dominância do patriarcado sobre a sociedade, expandir o pensamento da população em geral sobre a questão da violência contra a mulher e seus terríveis desdobramentos, como o trauma psicológico, sentimento de culpa das vítimas e desejo de vingança.

Fotografia:



A temática feminista é um dos pontos fortes encontrados nas obras dessa artista, percebe-se uma preocupação em exaltar o empoderamento feminino, propor reflexões sobre a dominância do patriarcado sobre a sociedade, expandir o pensamento da população em geral sobre a questão da violência contra a mulher e seus terríveis desdobramentos, como o trauma psicológico, sentimento de culpa das vítimas e desejo de vingança.

Artemisia sofreu muito com a violência sexual e relatou um pouco de como foi:

"Ele trancou o quarto a chave e depois me jogou sobre a cama, imobilizando-me com uma mão sobre meu peito e colocando um dos joelhos entre minhas coxas para que não pudesse fechá-las. E levantou minhas roupas, algo que lhe deu muito trabalho. Pôs um pano na minha boca para que não gritasse. Eu arranhei seu rosto e arranquei seus cabelos mas não adiantou."



Da revolta que nutria em seu interior, veio a ideia de expressar toda a raiva e descontentamento que sentia por meio de pinturas extremamente realistas e dramáticas. Segundo alguns críticos de arte, uma de suas obras mais famosas, o quadro "Judite decapitando Holofernes", que retrata a cena bíblica de Judite e sua serviçal cortando a cabeça de um general que a havia assediado. Foi uma forma de protesto contra o estupro que sofreu.

Questões de gênero na arte

Mesmo tendo feito trabalhos magnânicos, poucos acreditavam que a autoria dos belos quadros em estilo barroco pertenciam a uma simples mulher, não a valorizaram como merecia sendo que até hoje há pessoas que nunca souberam de sua história, nem mesmo tiveram o privilégio de admirar suas obras. Ela morreu em meados de 1656, em Nápoles, vítima da terrível peste bubônica que dizimou milhões de pessoas em toda a Europa na metade do século XIV.

Assim sendo, ressaltando a importância de se valorizar essas e outras grandes mulheres que integram o universo artístico, mas que nem sempre são levadas a sério por boa parte conservadora da sociedade. No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de pesquisas e estatísticas (IBGE) no ano de 2019, as mulheres somavam cerca de 52,2 % da população no país, ou seja, mais da metade dos mais de 200 milhões de brasileiros pertencem ao gênero feminino, contudo, a desigualdade de gênero ainda persiste, principalmente no nicho artístico. Certo é que a questão feminina e o que diz respeito à comunidade LGBT vem sendo mais discutida entre as pessoas, mas ainda há um longo percurso a ser trilhado pela frente.

Talvez daqui a um século essa realidade mude e as artistas obtenham a igualdade de direitos e reconhecimento que merecem. Se é uma utopia ou não, vamos ter que esperar para ver.



PROSPECÇÃO PARA O

FUTURO: *o que esperar das artistas femininas daqui a 100 anos?*

Talento, representatividade, força, são só alguns dos variados adjetivos dedicados às tantas mulheres... pensando nisso, entrevistamos alunos do quarto período do curso de Letras do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET- MG) a fim de saber a opinião desses alunos sobre o papel da mulher no universo da arte, afinal, quais os desafios e perspectivas para o futuro das mulheres na arte? Confira as respostas:

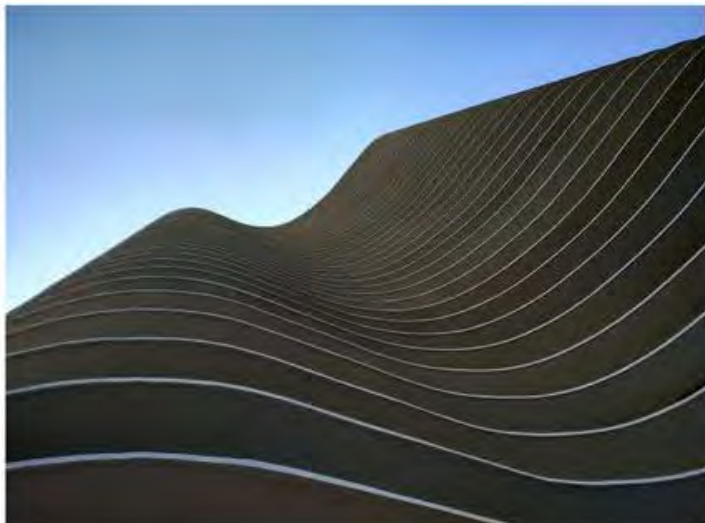
" Historicamente a mulher ficou à margem de tudo. E na Arte não foi diferente! Pensando nos próximos 100 anos, poderíamos apresentar a mulher como protagonista em todos os setores da arte, como na escrita, pintura, poesia, conto, arquitetura etc. A mulher já exerce esse papel de certo modo, já é uma realidade nos dias atuais. Penso que isso só deve aumentar nos próximos anos."

- Aluna Maria Aparecida dos Santos

" Acredito que as mulheres já possuem um papel de destaque na arte. São tantas artistas talentosas como a pintora mexicana Frida Kahlo e a brasileira Tarsila do Amaral, no cinema a Fernanda Montenegro, e tantas outras, mas essa mudança de pensamento tende a aumentar ainda mais. Daqui a cem anos tem muita coisa para acontecer, acho que a arte vai dar uma visibilidade ainda maior para artistas femininas no futuro."

Fragmentos de Belo Horizonte

Mariana Soares



As curvas do fluir - 2021



Coreto Praça da Liberdade - 2021



Edifício JK - 2021



Sem título - 2021



Equilíbrio - 2021



Praça Raul Soares - 2021



Sem título - 2021

SEÇÃO LIVRE

Amor de várias formas

UÉRFERSON OSMAR SANTOS,
PÁG. 51

Escondida na coxia

MARIA APARECIDA DOS SANTOS,
PÁG. 52

Então você quer ser
escritor? (Tradução)

BRUNA FORTUNATA, PÁG. 54

Cachorros e queijos
frescos

JOSÉ FRANCISCO NUNES, PÁG. 56

Desejo

ADAM HERMÓGENES DE SOUSA,
PÁG. 57

Aprender

UÉRFERSON OSMAR SANTOS, PÁG. 58

Infância Roubada

HANNA HAIANE SILVA VITOR E
MARIA APARECIDA DOS SANTOS
PÁG. 59

Fotografia : Rafael A. Pereira



Amor de várias formas

Uéferson Osmar Santos

Amor eterno
Amor infinito
Amor esperto
Amor bonito.

Amor paterno
Esmero
Amor materno
Límpido.
Amor que captura,
Que empurra
As pessoas carentes,
Tão de repente,
Pegando pelo laço
Sem deixar espaço.

Amor puro,
Amor escuro,
Amor forte,
Sem sorte,
Esquecido,
Empobrecido,
Horroroso,
Esplendoroso,
Tão Infeliz!
Muito Feliz!

Amor quente,
Envolvente,
Talvez frio

Silencioso, que não dá um pio!
E calado!
Arrastado,
Empurrado,
Esmagado,
Arrasado!

Amor de primeira vez,
Que chega intensamente,
Meigo e comovente,
Surpreso! Inesperado.
Ou esperado,
Mas repleto de timidez.

Amor corajoso,
Amor doloroso,
Amor que abre as portas,
Para ele, ela, entrar
No coração da gente.
Portas de várias formas
Amor que muda e esconde,
Mas que nunca vai passar.



Escondida na coxia

Maria Aparecida dos Santos

A morte é solitária e silenciosa como num grito de dor contido e subjetivo, e essa dor é só minha. Dor que invade minha alma e ocupa todos os espaços. Quero gritar, não consigo, preciso desesperadamente chorar, não consigo, não consigo! Olhar para seu corpo inerte e frio torna meu flagelo ainda maior. Tento desviar o olhar, é inútil, preciso avassaladoramente vomitar essa dor que me consome e me deixa estática, engessada. Sinto um forte cheiro de flor, é intenso! Notadamente, será o último suspiro dessa flor que murcha na batida de cada segundo. Ela também quer gritar, não consegue, somos iguais nessa tormenta, nesse cenário de finitude.

Ali, ao centro de uma sala fria, descansa o amor da minha vida, meu amor está morto! Sinto, percebo seu afas-

tamento, já não consigo ver seu rosto, está distante, falta luz, estou enxergando pouco? Procuo por lembranças vivas no acervo afetivo, foram tantas vivências e entregas... Preciso ver seu rosto vivo mais uma vez, por favor, não vá, ainda sinto o cheiro do seu corpo e o gosto de sua boca misturado ao cheiro de cigarro impregnado à sua roupa. Você fumava muito. Lembro-me de quando decidimos que íamos parar de fumar juntos, eu parei, e você, lamentavelmente não conseguiu.

Aprendi, sobremaneira, a ler o seu olhar, estava tudo nas entrelinhas, não precisávamos das palavras, porque essas se apequenam em meio à intimidade mútua, era tanta cumplicidade...



O amor fluía intensamente nas tardes de domingo, o domingo era nosso melhor dia, dia de prostrar, tomar banho juntos enquanto esperávamos a cerveja gelar. E assim, esquecíamos do relógio, esse instrumento cruel que insiste em marcar o tempo em momentos que deveriam ficar congelados, suspensos para sempre numa convivência latente entre o desejo e o gozo. Nossas tardes de domingo ficarão gravadas para sempre na minha retina, levarei para a vida. E foram tantas tardes memoráveis e tantos encontros que os desencontros saíram de cena.

Vieram buscar seu corpo, vão cantar uma música ou fazer uma reza, sei lá! Novamente, o relógio em nossas vidas insiste em marcar o momento da despedida. Para o amor, essa coisa mágica que nos movimenta e nos enche de vida, deveria ser um evento atemporal, acrônico, fora da curva. Porque amar nos reveste de coragem, esvazia de pudores e se deixa acontecer, sem pressa, sem tempo, sem medo, sem nada!

Ouçó alguém rezar misturado ao choro daqueles que também te amaram. É

chegada a hora, vão te levar, precisamos nos despedir. Queria tanto ter tido um momento só entre nós, não foi possível, o velório está cheio. O olhar continua seco como num deserto, sei que vou sofrer, é inevitável! Parafraseando Lulu Santos que diz: “[...] cada voz que canta o amor não diz tudo o que quer dizer, tudo o que cala, fala mais alto ao coração, silenciosamente eu te falo com paixão”, “[...] eu te amo calado como quem ouve uma sinfonia de silêncios e de luz”.

Estou na coxa, saí de cena, esqueci o texto, não sei o que dizer, meu coração está a galope, fui consumida por essa dor doída que invadiu minhas entranhas e tomou conta do meu ser. Estou em frangalhos com o resto de humano que sobrou de mim. Apesar disso, preciso ser forte, miseravelmente forte. Nesse momento, seus amigos carregam o seu corpo rumo ao descanso eterno, é o ato final, fecharam-se as cortinas no show da vida e da utopia. Descanse em paz Robson Mulambo, meu único e inesquecível amor!

Então você quer ser escritor?

Charles Bukowski

Tradução: Bruna Fortunata

Se não irromper de dentro de você apesar de tudo, não faça.

A não ser que saia sem pedir do seu coração e da sua mente e da sua boca e das suas entranhas, não faça.

Se precisa sentar por horas encarando a tela do seu computador ou debruçado sobre a sua máquina de escrever procurando as palavras, não faça.

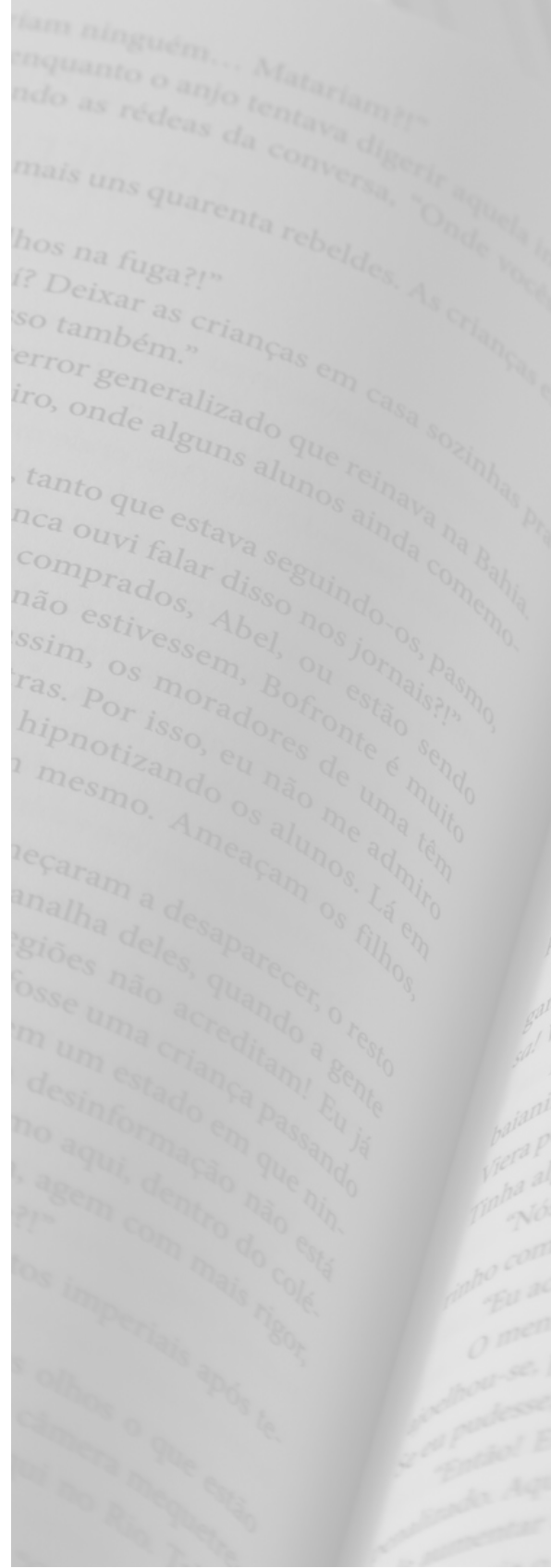
Se estiver fazendo por dinheiro ou fama, não faça.

Se estiver fazendo porque quer mulheres na sua cama, não faça.

Se precisa sentar lá e reescrever de novo e de novo, não faça.

Se sequer pensar em fazer dá trabalho demais, não faça.

Se estiver tentando escrever como outra pessoa, esqueça.



Se precisa esperar rugir de dentro de
você,
então espere pacientemente.
Se nunca rugir de dentro de você,
faça outra coisa.

Se primeiro você precisa ler para sua esposa
ou sua namorada ou seu namorado
ou seus pais ou para qualquer pessoa que seja,
você não está pronto.

Não seja como tantos escritores,
não seja como tantas milhares de
pessoas que se dizem escritoras,
não seja chato e entediante e
pretensioso, não se consuma com amor-próprio.

As bibliotecas do mundo têm
bocejado até
dormir
com os do seu tipo.

Não seja mais um deles.
Não faça.

A não ser que saia da
sua alma como um foguete,
a não ser que ficar parado
te levasse à loucura ou
suicídio ou assassinato,
não faça.

A não ser que o sol dentro de você esteja
queimando suas entranhas,
não faça.

Quando for realmente a hora,
e se você tiver sido escolhido,
vai se fazer
sozinho e continuará se fazendo
até que você morra ou que morra em
você.

Não há outra maneira.
E nunca houve.

Cachorros e queijos frescos

José Francisco Nunes

A voz de Tia Tininha vibrou para a porteira aberta enlameada com arames farpados escorada por estacas velhas puídas.

Vacas

Bois

Cavalos e antas.

O vira-lata de Dirceu latindo para os passantes de visitas que do centro chegavam en malados com cada uma em suas mãos cheirava cadelas assanhadas da vizinha do bolo de maçã.

Espreitadas as crianças vigiavam os passantes e sentindo os cheiros dos frescais

Queijos

Leites

Vacas

Fervem-se leites tirados de vacas prenhas para alimentar a barriga dos queijistas de plantão

Bolos

Pães-de-queijo

Rádios com radionovelas

Anoitece com pingas farras torresmos fritos pelas mãos de Dirceu que cortou os porcos ao amanhecer emporquecendo os passantes que do centro chegaram.

Noite

Grilos

Frio

Hoje lembranças do que virou o mausoléu passado

Ruas mortas

Ares fétidos

Sem vacas leites queijos torresmo pinga farra e vacas.

DESEJO

Adam Hermógenes de Sousa

Desejo que você entenda que tropeços acontecem, mas que você deve continuar a caminhar.

Desejo que quem acorde do seu lado, te veja com o rosto amassado, mas que ainda assim te ache a pessoa mais linda do universo. Mas que pra além disso, você se olhe com o rosto amassado e tenha certeza que você é a pessoa mais linda do universo.

Desejo que nos dias de chuva ele corra para abrir a porta do carro para você não se molhar, ou que ele tope dançar com você na chuva.

Desejo que nos seus dias cinzas, ele saiba colori-los e que os dois possam sorrir dos borrões.

Desejo que você tenha pão fresco e café quente pela manhã, e à noite sua bebida favorita.

Te desejo sorte, amor, prosperidade.

Te desejo equilíbrio nos problemas mais graves, e sempre muito companheirismos.

Desejo que o colo que você escolher, acolha cada uma das suas lágrimas, e queira sentir cada uma delas com você.

E pra além de tudo, ainda te desejo...



Fotografia: José Francisco Nunes

Aprender

Uéferson Osmar Santos

Todo mundo aprende a fazer cálculos,
aprende a praticar saltos,
aprende a amar,
a beijar.

Todo mundo aprende.

Todo mundo aprende a sonhar,
a dividir,
a sorrir,
a escutar.

Todo mundo aprende.

Todo mundo aprende mais do que sabe,
aprende o que não lhe cabe,
o que pode, e o que não pode.

Basta somente querer,
Para alguma coisa aprender.

Infância Roubada

Hanna Haiane Silva Vitor e Maria Aparecida dos Santos



Fotografia : Tainã Verona

Perdida na estrada da ignorância levava a criança pelo braço como tal qual um pacote muito pesado. Havia esperado lombrigas, mas quando as dores chegaram, uma criança berrou e tudo começou. “Preferia os vermes” disse aquela voz ainda esganiçada com sonhos de menina.

De lá pra cá pouco tempo se passou. Mas o vento da responsabilidade a levou com uma pressa avassaladora, o que restou de sua pobre infância. Nem mesmo a leveza e a doçura da maternidade fizeram atenuar

o sentimento de vazio, sofrido e confuso vivido por essa “mãe” absurdamente precoce. Sobrevivente num ambiente com pouco afeto, essa criança agora tenta arrancar da memória como tudo aconteceu. e repente, no meio da noite, começaram as dores naquele corpo frágil, uma dor tamanha que consumia todo o seu ser,. Ela grita por socorro, não consegue compreender tanta dor concentrada na barriga. Lá dentro bate descompassadamente o coraçãozinho do seu rebento, que anseia pela chegada ao “novo mundo”.

Notadamente a natureza é sábia e prepara a mulher para ser mãe, físico, mental e emocionalmente. No entanto, essa criança que hoje se torna mãe ainda não deixou de ser criança, foi vítima de violência sexual, e aos poucos a barriga foi crescendo, a “família” pensou que fosse verme, ledor engano, um abusador se aproveitou da pequena...

Chegou a hora, grita parteira, tragam água morna e panos limpos. Nesse momento a mãe da criança grávida se coloca ao seu lado numa cumplicidade, em solidariedade por compreender o martírio da filha que está parindo. Sem saber, a mãe pratica a sororidade e num gesto fraterno acaricia a testa suada da filha que geme de dor. “Está nascendo”! Grita novamente a parteira, “é um menino”! Logo se ouve o grito forte do recém nascido que ecoa por todo o cômodo da pequena casa. E numa mistura de alívio e cansaço a “criança mãe” adormece abraçada à sua genitora ,que com o pensamento distante pensa: descansa filha, que quando você acordar vai me dizer quem é o pai do meu neto.

Biografia dos autores

Autora: Maria Aparecida dos Santos

"Um pouco sobre a Semana de Arte Moderna de 1922", "Gênero e Arte", "Escondida na Coxia", "Infância roubada".

Graduanda curso de Letras 4º período CEFET-MG. Gestora Social/Pública; Especialista em Direitos Humanos e Cidadania; Militante social

Autora: Maristela Alves

"Cultura Indígena".

Graduanda do 4º período do curso de Letras, CEFET-MG.

Autora: Bruna Araújo Diniz

"A interação entre arte e tecnologia"

Estudante do curso de Letras -Tecnologias da Edição (CEFET-MG). Caloura do Trincabotz, equipe de robótica aplicada a competição do CEFET-MG.

Autor: Rogério Barbosa

"Revisitações (ou flash a partir do modernismo)"

Poeta e professor de literatura e de estudos de edição no CEFET-MG. Integra o conselho editorial da Scriptum Livros. Coeditou a Revista Ato (2004-2006) e o

Jornal DEZFACES em Belo Horizonte. Coordena o projeto POEMAPS (poesia georeferenciada) – www.poemaps.org

Publicou poemas na Revista Zunai, Jornal DEZFACES e projeto POEMAPS. Coautor do livro Boca na palavra (impressões de Minas, 2019 – poesia); antologia Entre o samba e o tango (Museu Nacional da Poesia, 2018); antologia Corpoafeto (LED-Cefet-MG, 2021 - Ebook). Participou também da antologia Germina: Noite feliz (Germina, 2021), entre outros projetos.

Autora: Deborah Borges

"Libert'Arte"

Estudante do curso de Letras - Tecnologias de edição - CEFET/MG. Belo Horizonte-MG

Autor: André Filipe Xavier

"Duchamp TikTok"

Aluno do terceiro período do curso de Letras do CEFET-MG e extensionista em um projeto vinculado à LED. 27 anos.

Biografia dos autores

Autora: Graciele Batista Gonzaga

"Sem título"

Professora de Língua Portuguesa, Literatura, Redação e Comunicação Criativa e Mídias do Colégio Santa Maria Minas -Unidade Betim. Professora de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Belo Horizonte.

Autor: Roniere Menezes

"Vinícius e os saberes do samba"

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008). Desenvolveu projeto de Pós-Doutorado sobre produções de arte e literatura no período da Política da Boa Vizinhança - II Guerra Mundial - junto ao Programa Avançado de Cultura Contemporânea - PACC-UFRJ (2016). Atua como professor da Pós-graduação em Estudos de Linguagens, da graduação em Letras e do curso Técnico do CEFET-MG.

Autora: Bruna Fortunata

"Então você quer ser escritor (tradução)"

Graduanda, 5º período, Letras CEFET-MG.

Autor: Ueferson Osmar

Texto: "Amor de várias formas", "Aprender".

Estudante de Letras, CEFET-MG. 29 anos.

Autora: Beatriz Guimarães

"Eu, tu, nós, Brasil"

Graduanda, 5º período, Letras CEFET-MG.

Autora: Joyce Domingues

"Eu, tu, nós, Brasil"

Graduanda, 5º período, Letras CEFET-MG.

Autor: Jose Francisco (Franco Dafon)

"Eu, tu, nós, Brasil", "Cachorros e queijo quentes".

Graduando, 5º período, Letras CEFET-MG.

Autor: Adam Hermógenes de Sousa

"Desejo".

Belo Horizonte, 28 anos.

Biografia dos autores

Autora: Suzy Andrade

"Distopia de um futuro não tão distante", "Esqueceram da Dolly".

Graduada em Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário UNA (2015) e atualmente cursa Letras pelo CEFET-MG, onde foi bolsista do projeto de extensão Pensar Jovem: Fazer Sentido, atuou no programa PICV de iniciação científica e na editora-laboratório LED. É roteirista, editora e pesquisadora, tendo o audiovisual, a literatura e suas tecnologias como principais objetos de estudo.

Autor: Matheus Mendes Ferreira

"Gênero e Arte"

Graduando, 4º período, CEFET-MG.

Autora: Mariana Soares

"Fragmentos de Belo Horizonte"

Estudante, CEFET-MG.

REVISTA EDITAR
XIII EDIÇÃO

Editar - Revista dos alunos do curso de Letras - Tecnologia da Edição CEFET-MG
Número 13 - Belo Horizonte - MG
© dos autores
Edição online
Ano 2022

